

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Débora Kelly Paduan dos Santos

**O MORRER PARA UM SER FINITO: um estudo sobre a
possibilidade de significar a vida enquanto ser-para-a-morte**

Taubaté – SP

2019

Débora Kelly Paduan dos Santos

**O MORRER PARA UM SER FINITO: um estudo sobre a
possibilidade de significar a vida enquanto ser-para-a-morte**

Monografia apresentada para obtenção do
certificado de Bacharel pelo curso de Psicologia
do Departamento de Psicologia da Universidade
de Taubaté.

Área de Concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Daniel Cardozo Severo

Taubaté – SP

2019

DÉBORA KELLY PADUAN DOS SANTOS

O MORRER PARA UM SER FINITO: um estudo sobre a possibilidade de significar a vida enquanto ser-para-a-morte

Monografia apresentada para obtenção do certificado de Bacharel pelo curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Daniel Cardozo Severo

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Daniel Cardozo Severo

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof.^a Dra. Débora Inácia Ribeiro

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade de Taubaté por proporcionar um ambiente de oportunidades de crescimento e a possibilidade de concluir este curso. Ao corpo docente do curso de Psicologia agradeço pelas contribuições para minha formação acadêmica.

Agradeço ao Prof. Daniel primeiramente por ter aceitado orientar este trabalho, que desde o começo se mostrou como um desafio para mim. Por todas as orientações, indicações de leitura e por ter me acompanhado até o fim, muito obrigada.

Agradeço também à Prof.^a Débora por ter aceitado compor a banca para avaliação deste trabalho e, além disso, por todas as aulas da cadeira de Psicologia Humanista-Existencial, que se tornaram as minhas preferidas durante o curso.

Aos meus pais, obrigada por todo o amor e apoio, não apenas nesses cinco anos de graduação, mas em todos os momentos da minha vida até agora. Por sempre acreditarem em mim, muito obrigada.

Por último, agradeço meus amigos e colegas de classe que direta ou indiretamente me ajudaram a manter a calma nesse período cheio de ansiedades e incertezas. Que possamos acompanhar o crescimento profissional uns dos outros da mesma forma.

“Tu tens um medo:
Acabar.
Não vês que acabas todo o dia.
Que morres no amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que te renovas todo o dia.
No amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que és sempre outro.
Que és sempre o mesmo.
Que morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.

E então serás eterno.”

Cecília Meireles

RESUMO

A aproximação do fim da vida é um fenômeno inerente à existência humana e, mesmo quando negada, se concretiza com a morte. O significado de morte para além de um entendimento puramente biológico pode ser compreendido a partir do contexto histórico em que se é experienciada. Em tempos de Era Técnica na contemporaneidade, assim como em relação a todos os aspectos da condição humana, procura-se controlar e eliminar os sofrimentos existenciais a partir do pensamento calculante, o que favorece a emergência de quadros psicopatológicos e a falta de sentido à vida. A psicoterapia fenomenológica-existencial surge como uma possibilidade de ajudar o indivíduo, através do pensamento meditativo, escuta terapêutica e fala poética, a se aproximar desses sofrimentos como uma forma de encarar as condições de sua existência, entre elas sua finitude, e a alcançar a liberdade frente às restrições de sentido. A partir disso, este trabalho buscou identificar como a percepção de finitude humana por meio da questão da morte possibilita a atribuição de significado para a vida enquanto ser-para-a-morte, a fim de ampliar a compreensão clínica sobre a possibilidade do paciente em psicoterapia significar suas vivências. Apresentando como metodologia a pesquisa bibliográfica e exploratória em seus aspectos gerais, com o procedimento da análise de dados a partir da hermenêutica, identificou-se, segundo a analítica existencial da Fenomenologia de Heidegger, a morte como impossibilidade de existência que proporciona a apropriação de nosso projeto existencial, sendo assim possível a reformulação de nosso mundo e a possibilidade de darmos novos sentidos às coisas, inclusive nossa própria existência. A partir deste estudo, considera-se que o pensar a morte no sentido de antecipá-la como possibilidade da existência proporciona ao indivíduo responsabilizar-se por sua vida como Ser autêntico, compreender sua finitude e estar aberto às possibilidades de Ser e, dessa forma, estar aberto a dar um sentido a sua vida.

Palavras-chaves: Psicologia Fenomenológica-Existencial. Sentido. Ser-para-a-morte.

ABSTRACT

The approach of the end of life is an inherent phenomenon in the human being and even when denied, it concludes in death. The meaning of death, besides a merely biological understanding, can be seen from the historical context in which it is experienced. Considering the technological age in contemporary times, such as all aspects of the human condition, we seek control and the possibility to eliminate all existential suffering from the calculating thinking that enables the rise of psychopathological conditions and the meaninglessness of life. The Existential Phenomenological Therapy appears as a possibility to help people, through meditative thinking, therapeutic listening and poetic speech, approach these sufferings as a way of facing the circumstances of their own being, including their finitude, and reach freedom from the meaning limitations. The purpose of this research was to identify how the perception of human finitude through death enables the attribution of meaning to life as being-towards-death, in order to widen the clinical understanding about the possibility of the patient to give meaning to their own experiences. Presenting a bibliographic and exploratory study as a methodology and hermeneutic analysis as a method of data analysis. According to the existential analysis of Heidegger's Phenomenology, death as the impossibility of being provides the appropriation of our own existential project, therefore the reformulation of our world and the possibility of giving things new meanings, including our own being, become possible. This study concludes that thinking about death as an anticipating of it as a possibility of existence, gives the individual responsibility for their life as an authentic being, understanding their finitude and being open to the possibilities of existence, and therefore, being open to give a meaning to their life.

Keywords: Existential-Phenomenological Psychology. Meaning. Being-towards-death.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	10
1.2 JUSTIFICATIVA	11
1.3 OBJETIVOS	11
1.3.1 Objetivo geral	11
1.3.2 Objetivos específicos	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 OS TERMOS DE HEIDEGGER.....	12
2.1.1. Introdução à Questão Do Ser	12
2.1.2 Dasein	13
2.1.3 À-mão, simplesmente-dado, das Man e cuidado	16
2.1.3 Autenticidade, angústia e o ser-para-morte	17
2.1.4 (Apelo da) consciência, dívida e decisão	19
2.2 SER-PARA-A-MORTE	21
2.2.1 O projeto do ser-para-a-morte em sentido próprio	21
2.3 SOFRIMENTO CONTEMPORÂNEO E SIGNIFICADO À VIDA	24
2.3.1 Significado de sofrimento	25
2.3.2 Sofrimento na Era Técnica	27
2.3.3 Contemporaneidade e falta de sentido à vida	28
2.4 PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL COMO CUIDADO.....	30
2.4.1 Introdução à Psicologia Fenomenológica-Existencial	31
2.4.2 Daseinsanálise e cuidado	33
2.4.3 Psicoterapia fenomenológica-existencial como cuidado na trajetória mortal do paciente falante	34
3 MÉTODO	41
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	41
3.2 DELINEAMENTO.....	41
3.3 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS	41
3.4 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS	42
4 DISCUSSÃO	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A morte, assim como o nascimento, é parte da condição da vida e é uma experiência pertencente ao processo do ser humano, que evidencia a finitude do homem. Os aspectos simbólicos referentes à morte que decorrem por diferentes culturas ao longo da história da humanidade produzem significados para além de um entendimento de um fenômeno puramente biológico.

O modo de enfrentar a temática da morte pode variar conforme aspectos relacionados à cultura, crenças, contexto histórico, entre outros. Todos esses ilustram as mudanças e diferenças da relação do homem com a morte em sua experiência durante os períodos da História. O período da Idade Média Europeia, por exemplo, é caracterizada por um homem profundamente socializado, cuja familiaridade com a morte revelava a forma de aceitação da mesma, na compreensão da impossibilidade de evitá-la. A consciência do homem do fim da Idade Média sobre a morte permitiu que esse tomasse maior consciência de si próprio e de seu tempo enquanto vivo (ARIÈS, 2012).

Diferente das concepções da Idade Média, segundo Combinato e Queiroz (2006) e a partir da modernidade, percebeu-se que a compreensão sobre o fim da vida passa a ser atribuída ao fracasso e impotência, algo que deve ser vencido e que, frente à impossibilidade de vitória, passa a ser então negada. As mudanças das atitudes diante da morte resultam hoje em uma tensão emocional que não é compatível com a vida cotidiana, resultante de uma sociedade moderna que privou o Ser de sua morte e produziu uma nova forma de morrer. A morte deixa de ser familiar, vai para âmbitos hospitalares, onde progressos da medicina prolongam a vida e permitem que o homem atual viva como se não fosse mortal (ARIÈS, 2012).

Já para a Fenomenologia, o estudo da compreensão da finitude humana, um tema ainda considerado tabu e culturalmente carregado de concepções muitas negativas, é de interesse central. Considerando que a Fenomenologia pode auxiliar o ser humano na compreensão dos significados que ele próprio atribui as suas experiências e apresenta-se como um método eficiente para a abordagem de temas relacionados à morte e ao morrer (GOMES; SOUSA, 2017), sendo a razão de desta pesquisa seguir o viés fenomenológico, para Kubler-Ross (1991 apud GOMES; SOUSA, 2017), o estudo sobre a temática da morte se mostra importante de modo que é a partir de um espaço que se permite a reflexão sobre a morte que é possível encará-la de forma mais saudável.

A Fenomenologia tem seu início no século XX como estudo dos fenômenos, ocupando-se com os modos pelos quais as coisas surgem ou se manifestam no mundo (CERBONE, 2012). A entrada da Fenomenologia no âmbito da Psicologia caracteriza-se na discussão sobre a subjetividade nas ciências humanas, entre elas a Filosofia. Antes de uma forma sistemática de acesso à realidade ou modo específico de pensamento, a Fenomenologia é uma metodologia de pesquisa dessa realidade e de sua implicação na visão de mundo. A Fenomenologia, aplicada à Psicologia, pode ser então compreendida como uma atitude que possibilita o encontro com o fenômeno (HOLANDA, 1997). Na perspectiva de Jaspers (1987, p. 71 apud HOLANDA, 1997, p. 40):

À fenomenologia compete apresentar de maneira viva, analisar em suas relações de parentesco, delimitar, distinguir da forma mais precisa possível e designar com termos fixos os estados psíquicos que os pacientes realmente vivenciam. Visto que não se pode perceber diretamente um fenômeno psíquico de outrem, assim como se percebe um fenômeno físico, só se poderá tratar de representação, empatia e compreensão, a que poderemos chegar, segundo o caso, pelo meio de levantamento de uma série de caracteres e símbolos sensivelmente perceptíveis, por uma espécie e exposição sugestiva.

A Fenomenologia é uma tentativa de clarificação da realidade, de ser método de evidenciação e ser uma contínua reflexão na busca de um fenômeno que surge por si só e que se revela e é percebido. Desse modo, a Fenomenologia torna-se um modo de existir e o ser humano um fenômeno, em toda sua complexidade e completude, a ser compreendido (HOLANDA, 1997). Na perspectiva de Husserl (apud CERBONE, 2012), fundador do método fenomenológico, a Fenomenologia é uma ciência rigorosa da consciência e não de coisas empíricas, subjetivas ou introspectivas. A Fenomenologia surge como uma reação contrária ao naturalismo, contrapondo a ideia de elaboração de hipóteses sobre as causas das experiências. Segundo Reynolds (2012), o entendimento de Fenomenologia pura de Husserl e seu projeto fenomenológico são em partes contestados por alguns filósofos, entre eles Heidegger. Heidegger foi assistente de Husserl por alguns anos e conduziu a Fenomenologia para outra direção. O trabalho heideggeriano apresentado em *Ser e o tempo*, tornou-se possível em razão das bases teóricas preparadas por Husserl e por suas investigações lógicas à Fenomenologia. Apesar da dívida para com Husserl, Heidegger apresenta-nos como entes-no-mundo, inseparáveis da nossa situação social e historicidade essencial.

O trabalho de Heidegger (apud CERBONE, 2012) centrado na questão do Ser traz a perspectiva da morte como concedente de completude do *Dasein*, de modo que a

compreensão de que somos, como colocado por ele, entes-para-a-morte, possibilita compreensão do existir, sendo que a questão do ser-para-a-morte revela parte do que Heidegger considera ser humano. Considerando o olhar à contemporaneidade da analítica existencial de Heidegger, percebe-se que o mundo contemporâneo exige do homem posicionamentos, modos de produzir e viver, que desencadeiam sofrimentos característicos da atualidade, como o estresse, as compulsões, a hiperatividade, o tédio e as depressões. As patologias mais comuns atualmente apresentam-se como expressões mais agravadas dos modos atuais de relações do sujeito: dele com ele mesmo, com o outro e com o mundo. Sujeito contemporâneo que, ainda, demonstra-se incapaz de lidar com fenômenos como a dor, a solidão, o amor, o envelhecimento e a morte (SANTOS; SÁ, 2013). O tempo da contemporaneidade, época marcada pela instabilidade produzida por uma noção de tempo predominante conduzido pela velocidade dos acontecimentos e vivenciada por um sujeito que não internaliza a experiência do mundo, “não favorece a subjetivação das experiências, produzindo, assim, sujeitos vazios de significados” (TAVARES, 2010, p.36).

Considerando que a percepção da morte traz consequências importantes para o Ser enquanto em vida, assim como o enfretamento da questão e possibilidades no modo de existência à luz de Heidegger, 1) como a percepção de finitude na questão da morte possibilita a atribuição de significado para a vida enquanto ser-para-a-morte? Em relação aos problemas psicopatológicos emergidos na contemporaneidade, considerando ainda que os questionamentos sobre sentido para o mundo moderno estão relacionados à razão e possibilidade de calcular, 2) podemos afirmar que sofrimentos atuais estão relacionados à falta de atribuição de significado à vida? Diante da proposta da Fenomenologia em relação à temática da morte, a partir de pesquisa bibliográfica, este trabalho tem o objetivo de início introduzir o problema do Ser apresentado na obra *Ser e Tempo* de Heidegger, explorar introdutoriamente a temática do ser-para-a-morte na obra do autor e por fim compreender a relação da percepção de finitude humana na possibilidade de atribuição para um significado à vida de um ponto de vista de uma Psicologia Fenomenológica-existencial.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Considerando que a percepção da morte traz consequências importantes para o homem enquanto em vida, como a percepção de finitude humana por meio da questão da morte possibilita a atribuição de significado para a vida enquanto ser-para-a-morte?

1.2 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho propôs explorar e ampliar os estudos no campo da Psicologia Fenomenológica-existencial, de modo a contribuir à possibilidade de ampliação das concepções relacionadas à temática explorada neste trabalho, a finitude humana por meio da percepção da morte para Heidegger. Propôs, também, evidenciar a importância da discussão sobre a emergência cada vez maior dos quadros de manifestações psicopatológicas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Identificar como a percepção de finitude humana por meio da questão da morte possibilita a atribuição de significado para a vida, de acordo com a compreensão de Heidegger do ser-para-a-morte.

1.3.2 Objetivos específicos

- Apresentar a questão do Ser na compreensão heideggeriana, discutida por outros autores, a partir de revisão bibliográfica sobre o tema.
- Explorar a temática do projeto existencial de um ser-para-a-morte em sentido próprio para Heidegger, especificamente pelo parágrafo 53 do primeiro capítulo, da segunda seção e do parágrafo 62 do terceiro capítulo, da segunda seção da obra *Ser e Tempo* (1927/2015).
- Expor as questões relacionadas ao sofrimento contemporâneo e emergência de psicopatologias a partir de uma perspectiva existencial, discutidas por outros autores.
- Compreender a relação da percepção de finitude na possibilidade de atribuição de significado para a vida enquanto ser-para-a-morte, do ponto vista da Psicologia Fenomenológica-existencial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 OS TERMOS DE HEIDEGGER

Os estudos do filósofo alemão Heidegger (apud BRAGA; FARINHA, 2017) são considerados um dos importantes trabalhos que impulsionam a Filosofia do século XX, que partindo de interrogações sobre o sentido de Ser, proporcionou considerações sobre a existência humana. Para o filósofo, a tradição filosófica tende a tratar a questão do Ser como algo já está estabelecido e ao levantar reflexões sobre essas questões, Heidegger (apud CERBONE, 2012) considerou estar desafiando a totalidade da filosofia ocidental.

Para apresentar a possibilidade de dar sentido à vida a partir da percepção da morte, objetivo deste trabalho, faz-se necessário conhecer alguns conceitos da teoria heideggeriana relevantes ao estudo: *Dasein*, à mão, simplesmente-dado, cuidado, *das Man*, angústia, autenticidade, ser-para-a-morte, consciência, dívida e decisão são os conceitos que serão brevemente apresentados neste capítulo, após uma breve apresentação da questão do Ser.

2.1.1. Introdução à Questão Do Ser

Heidegger (apud REYNOLDS, 2012) apresentou a ontologia fundamental centrada na questão do Ser como projeto que se opõe à metafísica ocidental tradicional, argumentando que essa Filosofia prevalente até aquele momento tinha sido permeada de problemas, entre eles o enfoque nos entes particulares do mundo e não na questão do Ser. Em seus estudos sobre a existência humana, Heidegger (apud DANTAS; SÁ; CARRETEIRO, 2009) propõe reflexões a respeito das ciências e da relação dessas com o mundo. Na Era Técnica, as Ciências que têm a finalidade de mensurar e controlar os fenômenos tendem a ser consideradas como o único critério de verdade. A essência do indivíduo, entretanto, é constituída à medida que o indivíduo é. Em razão disso, não há a possibilidade de previsibilidades e cálculos quando se trata do ser humano.

Por isso, na analítica existencial elaborada em *Ser e o Tempo*, Heidegger (apud SANTOS; SÁ, 2013) investiga o modo de Ser do homem e, em termos de existência, denomina-o *Dasein* ou ser-aí. A denominação se faz a partir da relação essencial do ser-aí

(no-mundo) com a abertura de sentido, ou seja, o indivíduo aberto aos modos de Ser. Na condição de estar em aberto, segundo Dantas, Sá e Carreteiro (2009), cabe a cada indivíduo a apropriação de suas próprias escolhas existenciais, considerando o homem livre para decidir. O desvio da condição de abertura provoca o sofrimento psíquico e a administração da angústia a partir de uma compreensão de seus modos patologizados, surgem como consequências das ilusões de controle e previsão, aspectos que são valorizadas pela Era Técnica.

Segundo Heidegger (apud DANTAS, SÁ, CARRETEIRO 2009), em última instância, toda angústia se refere à angústia relacionada à finitude da existência. Segundo Braga e Farinha (2017), o *Dasein* se apresenta como ser-para-a-morte de modo que é apenas nela que o *Dasein* finaliza sua realização das possibilidades de Ser. Em relação à questão do Ser trabalhada em *Ser e Tempo*, Heidegger (apud CERBONE, 2012) inicia a tentativa de responder essa questão pelo *Dasein* e é por esse termo, também, que inicio a apresentação de seus conceitos que serão apresentas neste capítulo.

2.1.2 *Dasein*

Na obra *Ser e o Tempo* de Heidegger (1927/2015), a linguagem densa e complicada se dá, em partes, devido às tentativas de escapar dos efeitos considerados por ele distorcidos nos modos de pensar que existiam até aquele momento em relação ao Ser. O autor se abstém, dessa forma, de referências à consciência ou humanidade, utilizando assim o termo *Dasein* (REYNOLDS, 2012). Em sua obra, o uso do *Dasein*, que tem como tradução ser-aí (RENOYLD, 2012; BRAGA; FARINHA, 2017) ou presença (HEIDEGGER, 1927/2015), surge como uma forma de descrição antissubjetiva da existência. Segundo Reynolds (2012, p. 42):

Na concepção de Heidegger, termos como humano, sujeito, objeto, consciência, espírito, pessoa e mesmo o “eu” portam suposições metafísicas. Se ele os utilizasse em *Ser e Tempo* subverteria seu projeto completo de recuperação da questão do ser, e por isso que *Dasein* é usado em lugar de consciência humana, ainda que seja o caso que o termo *Dasein* funcionalmente sirva, no entanto, para distinguir o humano do não humano em *Ser e Tempo*.

O lugar pelo qual Heidegger começa responder a questão do Ser é justamente o *Dasein*. O termo surge da locução idiossincrática composta por “Da-” e “-sein”, significando

“aí” e “ser”, respectivamente, com a intenção de excluir ao máximo as suposições e os preconceitos já estabelecidos em relação ao tipo de ente que o ser humano é, diferenciando-o das conotações anteriores da Antropologia, Biologia, Psicologia e da própria Filosofia (CERBONE, 2012). O *Dasein* é o único ente que pode levantar a questão sobre seu próprio ser, único que tem compreensão do significado do Ser de modo geral e é apenas através do *Dasein* que as coisas têm a possibilidade de se mostrar da maneira que elas são. Ele ainda não tem uma essência predeterminada, desse modo não há atributos objetivos que o definam. Somente o *Dasein* pode se compreender em termos de existência, assim como só ele é capaz de ser inautêntico, ou seja, não ser a si próprio. Além disso, ele tem um caráter individual, no sentido de que qualquer decisão particular que tem é de sua responsabilidade (REYNOLDS, 2012). Em relação ao *Dasein*, Heidegger (1927/2015, p. 85) afirma:

O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez *meu*. Em seu ser, isto é, sendo, este ente se relaciona com o seu ser. Como um ente deste ser, a presença se entrega a responsabilidade de assumir seu próprio ser. *Ser* é o que neste ente está em jogo.

Dessa forma, a busca pela resposta da questão do Ser começa pelo *Dasein*, pois, diferente de outros entes, os entes humanos sempre têm a compreensão do Ser, uma compreensão que já está implícita e pressuposta, ou seja, pré-ontológica. É essa compreensão que a ontologia fundamental deve interpretar. Além disso, a compreensão pré-ontológica do Ser não pode ser vista de forma isolada, mas sim entendida no convívio com outras entidades, no modo como lidamos continuamente com essas, sendo sempre considerada em um contexto e compreendida enquanto manifestada na atividade diária e contínua do *Dasein* (CERBONE, 2012).

As características essenciais da estrutura do *Dasein* são denominadas existenciais, e entre elas, o primeiro conjunto é denominado ser-no-mundo, de modo que o *Dasein* é inseparável do mundo e nele está imerso, sendo que “somente o *Dasein* pode ser tido ter um mundo” (REYNOLDS, 2012, p. 44). Segundo Cerbone (2012), o mundo em que o nos encontramos é público, o “no” (em-o) em ser-no-mundo se refere à conotação de envolvimento. O *Dasein* sempre está se projetando às possibilidades de Ser e à compreensão de si. Essas possibilidades surgem então como um tema, afirmando assim o caráter não fixo, não estabelecido ou determinado do *Dasein*, e sustentando-se como algo que devemos continuamente nos projetar. O *Dasein* é, portanto, suas possibilidades, de maneira que seu modo ser está relacionado à noção de projeção.

Além disso, o *Dasein* é lançado em direção ao futuro, de forma que a compreensão, no sentido técnico referente à projeção (CERBONE, 2012), está relacionada ao reconhecimento e projeção a suas possibilidades e tem como pressuposta essa orientação futura, reforçando assim o caráter “ainda-não” do *Dasein*, referindo-se a não predeterminação e incluindo as várias ambições futuras (REYNOLDS, 2012). Segundo Heidegger (1927/2015, p. 204), o compreender é “ser existencial do próprio pode-ser da presença, de tal maneira que, em si mesma esse ser abre e mostra quantas anda seu próprio ser”, referindo-se à compreensão que o *Dasein* tem de si-próprio, em suas possibilidades de Ser enquanto lançado existencialmente.

O *Dasein* sempre se encontra em uma situação (no-mundo), referente ao aspecto “já-em (o mundo)” ou *Beifindlichkeit*, como orientação particular constituída por uma disposição. Esse já-em (o mundo) “nomeia a natureza histórica do *Dasein*” (CERBONE, 2012, p. 88), considerando a história de cada pessoa e que seu passado são afetados pelo modo de projeção para as possibilidades de existência. Desse modo, o *Dasein* se encontra lançado, enfatizando assim o estar no-mundo (CERBONE, 2012). De acordo com Heidegger (apud BRAGA; FARINHA, 2013), o *Dasein* que é sua abertura, encontra-se lançado em um mundo em convivência com outros e juntos às coisas. Nesse mundo, somos lançados às possibilidades e, sendo um Ser de possibilidades e projeção, assumimos maneiras de compreender o mundo. O estar-lançado se refere a estar entregue a uma situação, de modo que, como *Dasein*, nos encontramos lançados a certas disposições e submissos ao mundo. As disposições são existenciais fundamentais do *Dasein* e para Heidegger, certas disposições revelem o que têm de opressor na existência humana, como a culpa e o tédio. A existência não é livre de disposições que surgem com ser-no-mundo. O *Dasein* sempre tem alguma disposição e é a partir dela que é possível dirigirmos-nos a algo com significado no mundo (REYNOLDS, 2012). Para Cerbone (2012), a disposição é a manifestação do “já-em (o mundo)”, de modo que o *Dasein* se encontra na disposição.

Em sua condição ontológica, o *Dasein* é como um projeto, o que atribui responsabilidade para com suas escolhas e afirma seu dever de Ser enquanto existente no mundo, sendo assim poder-ser (BRAGA; FARINHA, 2017). A vida humana é um projeto, pois continuamente está “indo” ao futuro. Nessa perspectiva, entende-se a vida como criação de sentido e os acontecimentos que alteram o projeto nossa responsabilidade, mesmo em relação aos acasos que, apesar de não termos controle deles, somos responsáveis pelas escolhas que fazemos para lidar com o ocorrido (CARVALHO, 2010). Segundo Heidegger (1927/2015), o projeto é uma estrutura existencial do compreender e se constitui o ser-no-mundo no seu modo projetivo de Ser. O projetar-se do *Dasein* não está relacionado a um

projeto já determinado e, então, instalado ao *Dasein*. A condição de projeção entende que ele sempre está se projetando, sendo assim, enquanto é, sempre se compreenderá a partir de suas possibilidades de Ser. O *Dasein* enquanto pode-ser, que ainda não é, é existencialmente suas possibilidades enquanto possibilidades.

2.1.3 À-mão, simplesmente-dado, *das Man* e cuidado

Considerando-o como ser-no-mundo, o *Dasein* está no mundo, é inseparável dele e associa-se a coisas (utensílios). Compreende-se por “simplesmente-dado” as entidades entendidas como objetos materiais disponíveis para construtos mentais, produzindo uma relação abstrata com os objetos e assumindo uma “presença objetiva” (REYNOLDS, 2012, P. 46). A consideração simplesmenta-dada dos objetos não explora a noção de que o ser-no-mundo se refere ao manuseio dos utensílios na prática. A associação com coisas ao que se refere à disponibilidade para o uso, Heidegger (1927/2012) denomina “à-mão”. Para o filósofo, o ser-no-mundo está relacionado ao manuseio de coisas, o envolvimento com elas na prática e potencial uso delas em sua totalidade instrumental, sendo assim, o termo à-mão se refere à disponibilidade dos utensílios para o uso e para a execução de tarefas (REYNOLDS, 2012).

Segundo Reynolds (2012), Heidegger afirma que não existem objetos fora do contexto humano. Os objetos são encontrados no mundo com determinadas funções, de determinados tipos e interpretados em relação ao possível uso que eles têm (à-mão). O mundo existe para nossa percepção em seu modo prático e essa relação com as coisas, o à-mão, não nos é consciente. Considerando a experiência cotidiana em que “uma caneta é algo para escrever, o computador para digitar (CERBONE, 2012, p.79)”, por exemplo, os objetos têm um uso próprio ou padrão em razão de relações referenciais que constituem o à-mão e existência de uma dimensão normativa. Essas relações referenciais têm um caráter anônimo, de modo que no cotidiano o modo particular deles não depende da decisão de alguém específico, mas são encontrados como já atribuídos de significado. A dimensão anônima da existência diária é denominada *das Man*, que surge como uma autoridade normativa anônima que permeia a vida em sua cotidianidade (CERBONE, 2012). O termo *das Man*, que já foi traduzido por a multidão, o impessoal, os muitos, entre outros termos, refere-se às questões de nossa vida cotidiana que são ordinários e anônimas, em que há a tendência de nos misturarmos com as multidões (REYNOLDS, 2012)

Cerbone (2012) afirma que, além de por utensílios à-mão, estamos cercados em nossas experiências diárias pela presença direta e indireta de “outros”, ou seja, por outras pessoas. A experiência com esses outros se difere dos modos de manifestação dos utensílios. Heidegger (apud CERBONE, 2012) denomina a relação do *Dasein* com os utensílios “ocupação” (*Fürsorge*) e a relação do *Dasein* com outros de “solicitude” (*Besorgen*), ambos sendo aspectos fundamentais do ser-no-mundo no cotidiano. O *Dasein* experencia de modo direto ou indireto outros que têm o mesmo modo de ser, isto é, outros que são *Dasein*. A ocupação (na relação com utensílios) e solicitude (na relação com outros) são fundamentais ao ser-no-mundo de modo a indicar a estrutura geral do modo de Ser do *Dasein*, que é designado por Heidegger como “cuidado” ou “estrutura-do-cuidado”. Segundo Cerbone (2012, p. 84):

O cuidado sumariza a ideia de que as coisas aparecem como importando para nós de vários modos, mesmo quando nos encontramos indiferentes para com ela. [...] Na verdade, as coisas aparecendo ou sendo manifestas e seu importar não são duas noções independentes para Heidegger.

O cuidado, de acordo com Reynolds (2012), aparece como uma estrutura implícita que unifica as modalidades do *Dasein*, sendo o seu Ser o do cuidado, referindo-se ao modo com que o *Dasein*, sendo no mundo, se comporta. Segundo Braga e Farinha (2017), o cuidado não é algo que o *Dasein* tem, mas algo que ele é, de modo que, cada ação, relação com o mundo e modo de lidar com os outros entes, torna-o quem realmente ele é. Assim, o *Dasein* tem como tarefa e questão ser si mesmo e cuidar de quem é. O cuidado, ainda, “ocupa-se de” objetos no mundo (ocupação) e “preocupa-se com” outras pessoas (solicitude). Nessa perspectiva, o cuidado significa que “somos criaturas para as quais o tipo de vida que vivemos é um tema para nós” (REYNOLDS, 2012, p. 62), de forma que o significado de Ser para o *Dasein* é cuidar (REYNOLDS, 2012).

2.1.3 Autenticidade, angústia e o ser-para-morte

Em *Ser e o Tempo*, Heidegger (apud CERBONE, 2012) afirma que o *Dasein* na cotidianidade encontra-se submetido ao *das Man*, a autoridade anônima que permeia a vida cotidiana. Ao seguir as normas estabelecidas por essa dimensão anônima, o *Dasein* deixar de focar em suas capacidades de autodeterminação e, na cotidianidade, tende à preocupação de estar no mesmo nível dos outros. Esse *Dasein* cotidiano está perdido no mundo e no *das Man*,

sendo assim, é inautêntico. Como inautêntico, o *Dasein* não encara sua existência como um tema para si e encontra-se imerso em padrões já estabelecidos. Segundo Reynolds (2012), a inautenticidade é inevitável, visto que nos perdemos no anonimato da vida, fugimos de nossa finitude e ocultamos o estar-lançado. A inautenticidade se apresenta como uma condição de transição para a autenticidade, sendo ambas modos básicos do Ser. Sendo assim, a característica de imersão à multidão, denominada por Heidegger (apud REYNOLDS, 2012) de decadência, não pode ser eliminada.

É na dimensão autêntica que o *Dasein* retorna à condição de ter si mesmo, frente as suas possibilidades da existência. Como ser-com (outros), o *Dasein* autêntico é capaz de compreender o outro, que também é *Dasein*, por meio do cuidar (BRAGA; FARINHA, 2017). A autenticidade é inferida no reconhecimento de sua totalidade por assumir sua finitude e pela tomada de consciência do significado próprio de sua vida, pressupondo o sentido de suas decisões individuais em razão de suas possibilidades de Ser. A transição de inautenticidade para autenticidade ocorre por um rompimento com o *das Man* que controla o *Dasein* cotidiano e o mantém na condição inautêntica (CERBONE, 2012). O rompimento em questão, Heidegger (1927/2015) chama de angústia.

A angústia, diferente do medo, não tem um objeto, significando justamente a ausência de um. O mundo na angústia torna-se incapaz de oferecer alguma coisa ao *Dasein* (CERBONE, 2012). A angústia singulariza o *Dasein* no mundo e permite a abertura do *Dasein* e sua projeção nas possibilidades, revelando a possibilidade e a responsabilidade de ser livre para ser si próprio, enquanto possibilidade do *Dasein* de ser realmente o que sempre é (HEIDEGGER, 1927/2015). A angústia serve, segundo Cerbone (2012), como uma forma de confrontarmos nossa própria existência e assumir a responsabilidade que temos para com ela. A partir da angústia, o *Dasein* se vê de frente a sua condição existencial, que remete à ausência de determinação e significações prévias, além de proporcionar a percepção de que se encontra absorvido no cotidiano. Essa percepção permite ao *Dasein* compreender-se em sua própria trajetória existencial (BRAGA; FARINHA, 2017). A experiência da angústia proporciona ao *Dasein*, assim, ficar de frente com sentido de sua existência, a partir de um distanciamento de suas ocupações cotidianas. Além disso, torna manifesto a finitude de sua vida. Esse distanciamento e o fato de ser colocado diante da própria morte tornam a angústia uma experiência ameaçadora. Enquanto ser-para-a-morte, o *Dasein* traz para próximo de si a morte, não no desejo de que aconteça, mas na compreensão de que é de sua condição Ser sempre mortal. A morte é entendida, dessa forma, como uma possibilidade de sentido, ou seja, um tipo de compreensão de si próprio que o *Dasein* pode se projetar (CERBONE, 2012).

Segundo, Reynolds (2012), o primeiro modo de compreender a morte é a indiferença. Nesse modo a morte é tratada como algo natural que acontece com todos e, apesar de aparentar uma perspectiva realista da finitude, para Heidegger (apud REYNOLDS, 2012) representa uma apreensão inautêntica da morte por não considerar sua própria morte, mas apenas a do outro, numa compreensão de nível abstrato, como algo que vai acontecer em um momento futuro e indefinido. Frente a situações inevitáveis e próximas da morte, como doença ou velhice, por exemplo, essa indiferença se acrescenta ao segundo modo de apreensão inautêntica da morte típica do *das Man*: o medo. O medo surge do entendimento de morte como uma realidade futura que foge de sua finitude e não trata a morte como uma possibilidade própria do *Dasein*, considerando-a assim como uma realidade futura e concebida como algo que não acontece com ele em vida. Para Heidegger (apud BRAGA; FARINHA, 2017), o *Dasein* enquanto uma não-totalidade se completa com a morte. A experiência da morte é pessoal e única, de modo que ocorre apenas uma vez e não é possível morrer por outra pessoa. O *Dasein* enquanto vida é abertura, diante de possibilidades e em constante realização de quem quer ser e é. Com a morte, as possibilidades de Ser finalizam.

Assim, Heidegger (apud ROEHE; DUTRA, 2014) denomina esse modo de ser do *Dasein* de ser-para-a-morte. Segundo Heidegger (1927/2015), no ser-para-a-morte, o *Dasein* se relaciona consigo mesmo na possibilidade privilegiada de Ser, diferente do o *das Man* que revela o modo que o *Dasein* cotidiano e assim interpreta a si próprio em um ser-para-a-morte impessoal, já que o *das Man* não assume a angústia em relação à morte. O *Dasein* enquanto ser-lançado no mundo já está para responsabilidade de sua morte e, sendo para sua morte, o *Dasein* morre de fato. Assim sendo, o sentido próprio do ser-para-a-morte é uma possibilidade da existência do *Dasein*. A angústia desperta para a morte, enquanto dado temporal mais significativo da existência, e revela a finitude da existência humana, isto é, o fato de que a vida do ser humano tem um fim porque ele morre e sua existência acaba. O *Dasein* assume o seu ser-para-a-morte considerando que a experiência da morte é um fenômeno de sua existência e que a morte tem sentido apenas para quem existe. O assumir o ser-para-a-morte significa encarar a morte como parte da própria existência. A tomada de consciência de que somos um ser-para-a-morte proporciona questionamentos de todo o Ser e a morte permite, além da consciência de toda nossa existência, assumir a singularidade da existência, já que o morrer é pessoal (WERLE, 2003).

2.1.4 (Apelo da) consciência, dívida e decisão

Como apresentado no subcapítulo anterior, o *Dasein* não escapa da inautenticidade, já que se encontra imerso no *das Man*. O recurso que pode utilizar para alcançar a autenticidade e romper com o impessoal como fonte de ser si-mesmo, é a experiência da consciência. O entendimento de consciência para Heidegger (apud REYNOLDS, 2012) não se apoia na concepção da palavra a partir do entendimento teológica ou sociocultural, que compreende o termo por perspectivas morais. Na perspectiva do filósofo, consciência se refere a um “chamado” ou apelo ao *Dasein* para assumir responsabilidade (REYNOLDS, 2012). Esse apelo da consciência pode se dirigir ao *Dasein* por “dívida” para Heidegger (1927/2015), que também é chamada por alguns autores, como Reynolds (2012), de “culpa”. Enquanto imerso no *das Man*, o *Dasein* não ouve a si próprio, escutando apenas os outros imersos no impessoal. A consciência surge para o *Dasein* como a possibilidade de escutar a si próprio e romper com o *das Man*. Ao compreender o apelo da consciência, o tal chamado de si para si próprio, o *Dasein* tem a possibilidade de escolher a si mesmo, responsabilizando-se por suas próprias escolhas e assumindo sua liberdade perante suas possibilidades de escolher (ROEHE; DUTRA, 2014). O apelo da consciência mostra o estar em dívida do *Dasein*, em que ele deixa passar as suas possibilidades mais próprias por estar imerso no *das Man*, sendo o seu si-mesmo-impessoal e afastado da autenticidade (ROEHE; DUTRA, 2014). Assim como a consciência, a culpa ou dívida também é a base que permite o *Dasein* encontrar o seu “eu” autêntico não é predeterminado ou de identidade fixa. Para ser autêntico, o *Dasein* deve querer ter consciência e estar ciente da emergência da angústia (REYNOLDS, 2012).

Tanto a consciência, quanto a culpa, motivam a resolutividade ou decisão, termo que Heidegger (apud REYNOLDS, 2012) usa para o autenticamente ser si mesmo, não de uma forma arrogante ou por concepção dogmatista, mas de um *Dasein* como ser-no-mundo que se libera para esse mundo. É a decisão que o leva à solicitude de modo que, quando é autêntico consigo mesmo, pode ser autêntico em relação aos outros. A resolutividade e a antecipação possibilitam uma existência autêntica (REYNOLDS, 2012). Em relação à decisão, Heidegger (1927/2015, p. 378) afirma:

A abertura da presença subsistente no querer-ter-consciência é constituída, portanto, pela disposição da angústia, pela compreensão enquanto projetar-se para o ser e estar em dívida mais próprio [...]. Chamamos de decisão essa abertura privilegiada e própria, testemunhada pela consciência na própria presença, ou seja, o projetar-se silencioso e pronto a angustiar-se para o ser e estar em dívida mais próprio.

Quando decidido, o *Dasein* é em seu poder-ser mais próprio, assim sendo liberto no mundo (HEIDEGGER, 1927/2015). A decisão aparece como um modo privilegiado de abertura, que permite a constituição de novos modos do *Dasein* se relacionar não apenas com o mundo, mas também consigo mesmo de modo que sustenta a constituição de novas referências de Ser e desconstrução das anteriores. A decisão, ainda, possibilita singularizar a existência do *Dasein*. Essa singularização acontece quando ele se encontra decidido e próximo de experimentar a angústia, aberto assim as suas possibilidades próprias e antecipando a mais própria delas, a morte (DANTAS; SÁ; CARRETEIRO, 2009).

2.2 SER-PARA-A-MORTE

Como brevemente apresentado no capítulo anterior, somos seres-para-a-morte e a tomada de consciência dessa condição proporciona questionamentos sobre o problema do Ser, além da possibilidade de assumir nossa singularidade existencial. Nos parágrafos 53 e 62 da segunda seção de *Ser e Tempo*, Heidegger (1927/2015) expõe a possibilidade ontológica de um ser-para-a-morte em sentido próprio, tema utilizado para a produção deste capítulo com a finalidade de explorar essa temática em questão.

2.2.1 O projeto do ser-para-a-morte em sentido próprio

O *Dasein*, como já esclarecido no capítulo anterior, é constituído pela abertura, já se encontra imerso na compreensão de mundo do *das Man* e é necessário um rompimento com o impessoal em busca da autenticidade. Segundo Heidegger (1927/2015), o ser-para-a-morte não escapa da possibilidade irreversível que é a morte, desse modo, não deve encobrir tal possibilidade ou alterar seu sentido em razão do *das Mas*. O projeto existencial de um ser-para-a-morte em sentido próprio deve “elaborar os momentos desse ser que o constituem como compreensão da morte” (HEIDEGGER, 1927/2015, p. 337), caracterizando assim um Ser que não foge ou encobre sua possibilidade mais própria.

Primeiramente, de acordo com Heidegger (1927/2015), o ser-para-a-morte é compreendido como um Ser para a possibilidade de algo possível. O Ser para possibilidade pode ser caracterizado por ocupação de sua realização. Considerando a possibilidade privilegiada do *Dasein* de Ser para a possibilidade e a partir do entendimento do que é

simplesmente dado e do que está à-mão, o ser-para-a-morte vai de encontro com possibilidades de Ser. Enquanto ocupação, ou seja, na relação com os utensílios à-mão, o empenho do *Dasein* tem a tendência de anular a possibilidade do que é possível e as possibilidades tornam-se assim disponíveis ao *Dasein*. O que é realizado a partir da ocupação de instrumentos à mão se apresenta realizado como algo “para”, ou seja, possível para algo possível, em que tal realização ainda é entendida no mundo instrumental. O empenhar-se da ocupação na circunvisão, que segundo Kirchner (2016) significa visão de conjunto e compreensão do todo instrumental em um conjunto de entes, direciona o possível para um sentido de um possivelmente para-quê.

Heidegger (1926/2015) evidencia, então, que o ser-para-a-morte “não pode ter o caráter de empenho que se ocupa de sua realização”, (p. 338), já que a morte na perspectiva que vem sendo trabalhada até o momento, como possibilidade de ser do *Dasein*, não é manual ou um simplesmente dado possível. O ocupar-se dessa realização como foi primeiramente considerado por Heidegger e apresentado no parágrafo anterior, significaria para o *Dasein* “deixar de viver” (p. 338) e com isso, deixaria de existir como Ser que existe para a morte. Segundo Heidegger (1927/2015), o ser para a possibilidade é compreendido, terminologicamente, como o antecipar da possibilidade. A morte como possibilidade não proporciona ao *Dasein* o que realizar em sua existência, mas é na possibilidade da impossibilidade da existência do *Dasein* que proporciona realização, ou seja, é na possibilidade de não existir que a possibilidade de realizar algo é liberada. Possibilidade, ainda, que não é apoiada em nenhuma expectativa do *Dasein* no sentido de não estabelecer um algo possível à realização. Enquanto ser-para-a-morte, é necessário antecipar o poder-ser, de forma que essa antecipação permite ao *Dasein* abrir-se a si mesmo e a compreender seu poder-ser enquanto sua possibilidade de existir em sentido próprio. A presença (*Dasein*) é “de tal maneira que ela sempre compreendeu ou não compreendeu ser dessa ou daquela maneira” (HEIDEGGER, 1927/2015, p. 204), isto é, o *Dasein* tem a autocompreensão de onde seu poder-ser se encontra ou não se encontra. A elaboração da antecipação deve fazer parte da constituição ontológica a partir de sua abertura que antecipa o fim e possibilita a compreensão da possibilidade mais própria, irremissível, insuperável, certa e indeterminada que é a morte.

Em termos da irremissibilidade da morte, o antecipar exige do *Dasein* assumir “seu próprio ser a partir de si mesmo e para si mesmo” (HEIDEGGER, 1927/2015, p. 341). O antecipar do *Dasein* permite, assim, sua compreensão de que o poder-ser é assumido somente por ele mesmo e a morte como algo que pertence ao *Dasein* com o propósito de singularizá-lo. Essa singularização revela que o *Dasein* só pode ser a si próprio autenticamente quando se

dá a essa possibilidade, não sendo apenas em sua relação com utensílios no mundo instrumental ou enquanto ser-com outros. Essas estruturas essenciais, a solicitude e a ocupação, entretanto, pertencem à condição de possibilidade da existência do *Dasein* e não descartam a possibilidade do *Dasein* Ser si próprio. Mesmo enquanto ser-junto à (utensílios) na ocupação e ser-com (outros) na solicitude, o *Dasein* é ele mesmo quando se projeta para seu poder-ser mais próprio e afasta-se da possibilidade de Ser mergulhado na impessoalidade do *das Man* (HEIDEGGER, 1927/2015).

O antecipar da possibilidade irremissível que é a morte exige do *Dasein* assumir seu próprio Ser a partir de si mesmo e para si mesmo. A decisão, que segundo Franco de Sá (2016) refere-se à assunção do *Dasein* de assumir-se como si próprio como seu Ser autêntico e que de acordo com Reynolds (2012) traz a conotação de resolução, é caracterizada pelo projetar-se do *Dasein* em que ele se angustia para o que Heidegger (1927/2015) chama de ser e estar em “dívida”. Esse ser e estar em dívida pertence ao poder-ser, afirmando que o *Dasein* sempre “é e está” em dívida. A decisão em sentido próprio se encontra no projetar para esse ser e estar em dívida que o *Dasein* “é enquanto é” (HEIDEGGER, 1927/2015, p. 388). Considerando o *Dasein* em sua abertura, ele abre seu poder-ser para o fim (como ser-para-o-fim) e é, dessa forma, que se torna possível a compreensão do ser e estar em dívida como algo constante, inerente ao ser do *Dasein*. A decisão apenas se torna o que ela pode ser projetando-se para o seu poder-ser e quando se mantendo enquanto for possibilidade originária do que o *Dasein* tende a ser.

A partir da decisão, o *Dasein* assume então o que ele é, de fato, em sua existência: “fundamento nulo de seu nada” (HEIDEGGER, 1927/2015, p. 389). Esse nada é originário do *Dasein* e domina seu modo de ser. Assim, o ser do *Dasein* é dominado pelo nada que se desvela no ser-para-a-morte. Ao compreender o ser-para-a-morte como possibilidade mais própria do *Dasein*, esse poder-ser-si-mesmo mais próprio torna-se transparente e, através do apelo da consciência, proporciona ao *Dasein* ser em sua singularidade, deixando de ser o *Dasein* mundano envolvido pelo *das Man*, garantindo seu o estar em dívida na disposição de Ser aquilo que é e permitindo através da singularização a antecipação da morte. Desse modo, a decisão antecipadora do *Dasein*, que se coloca dentro da possibilidade irremissível que é a morte, permite a consciência de seu poder-ser mais próprio e o estar em dívida (HEIDEGGER, 1927/2015).

A decisão possibilita ao *Dasein* se colocar frente à verdade originária da existência de um Ser não rígido, mas sim manifestado de uma decisão livre e previamente indeterminada, em que o *Dasein* firma-se ao que é possível pela decisão enquanto aberta às possibilidades.

Quando decidido, o *Dasein* revela-se para si mesmo em seu poder-ser de fato. Dessa maneira, por firmar-se na abertura, a decisão não pode se enrijecer, mas deve se manter aberta e livre. O *Dasein*, em sua decisão antecipadora das possibilidades, mantém-se aberto, inclusive, à possibilidade de perder-se no *das Man*. O perder-se no impessoal do *das Man*, ou seja, a indeterminação e inautenticidade do poder-ser próprio, é certa assim como a possibilidade de poder-ser mais próprio. Essa indeterminação só é revelada totalmente no ser-para-a-morte, considerando que o *Dasein* sempre estará diante da possibilidade indeterminada e certa da morte, *Dasein* que se encontra lançado à indeterminação, que em sua decisão adquire seu poder-ser em sentido próprio autêntico. Essa indeterminação da morte se manifesta, originalmente, na angústia (HEIDEGGER, 1927/2015).

A angústia, que imerge dessa ameaça da possibilidade mais própria, irremissível, insuperável, certa e indeterminada do *Dasein*, coloca-o frente ao nada característico da impossibilidade de sua existência que se concretiza na morte. Isso permite a abertura à possibilidade dele de compreender a si mesmo. O *Dasein* em seu modo de ser se projeta em sentido próprio para a morte, de forma que, no antecipar de suas possibilidades, torna-se consciente de que está imerso na impessoalidade do *das Man* que não o permite ser autêntico e frente à possibilidade de Ser si mesmo em sua possibilidade mais própria que surge, apenas, na liberdade para a morte, entendida como fática, certa e sem se apoiar nas expectativas do *das Man*, e em razão disso, o *Dasein* se angustia. O antecipar pelo ser-para-a-morte no projeto existencial possibilita o entendimento de um *Dasein* em sua possibilidade ontológica em sentido próprio e, ainda, seu poder-ser em sentido próprio, em um projeto existencial de um *Dasein* que pode ser suas possibilidades, sem determinações ou imposições impessoais que o pressionam a ser inautêntico (HEIDEGGER, 1927/2015).

A morte é insuperável, o “pensar nela” em sentido próprio, entretanto, permite o querer-ter-consciência, que desvela o apelo da consciência. O apelo da consciência, possível pela decisão antecipadora das possibilidades, libera a possibilidade da morte apossar-se da existência do *Dasein*, de modo que esse se torne consciente da impossibilidade de encobri-la. O ser-para-a-morte, consciente de sua morte, pode conduzir-se no mundo, decidido a agir, compreendendo suas possibilidades fundamentais e fáticas como *Dasein*. A angústia emergente leva à singularização do poder-ser do *Dasein*, proporcionando-lhe liberdade de Ser em sentido próprio, livre das determinações (HEIDEGGER, 1927/2015).

2.3 SOFRIMENTO CONTEMPORÂNEO E SIGNIFICADO À VIDA

Considerando o que foi exposto no subcapítulo 2.2, a angústia da morte coloca o indivíduo frente à possibilidade da impossibilidade de sua existência que se concretiza com a morte. Essa angústia emergente possibilita a compreensão de si mesmo, o que permite o indivíduo que é *Dasein* tomar para si seu projeto existencial em sentido próprio. Dessa modo, como forma de contextualizar a problemática do sentido (ou falta de) na vida contemporânea de um indivíduo que se angustia, este capítulo tem como finalidade apresentar a compreensão de sofrimento em alguns períodos da história da humanidade, além de fazer uma breve contextualização da Era Técnica em que estamos imersos e a compreensão de sofrimento e sua relação com a possibilidade de dar sentido à vida.

2.3.1 Significado de sofrimento

Durante a história da humanidade, o sofrimento sempre esteve presente nas experiências humanas e, assim como em épocas anteriores, o homem contemporâneo sofre. A contemporaneidade traz experiências características de um mundo cheio de sentimentos de insegurança, incerteza e vulnerabilidade, que possibilitam a identificação dos sofrimentos psíquicos atuais (MELO; RIBEIRO; MOREIRA, 2015).

O modo de definir e classificar o sofrimento se modifica de acordo com o contexto e o modo como esse fenômeno é compreendido. Melo, Ribeiro e Moreira (2015) expõem as modificações da compreensão do que é considerado sofrimento por diferentes épocas da história da humanidade. Na Grécia Antiga, por exemplo, a compreensão filosófica de sofrimento estava ligada ao *pathos*, que compreende tudo o que é ser humano, considerando-o como a base da existência humana e uma disposição do homem. Nas tragédias gregas o tema sofrimento era apresentado como parte da condição humana e segundo Aristóteles (apud MELO; RIBEIRO; MOREIRA, 2015), agregado de valor pessoal, de modo que as pessoas não sofrem de maneiras iguais.

A compreensão de sofrimento diferente da Antiguidade se dá durante o último século da Idade Média, que foi marcado pelo alto índice de disseminação de doenças que resultavam em uma aproximação recorrente com a ideia de morte. Sentimentos de temor relacionados às ideias de inferno, demônios e feitiçaria, assim como sentimentos depressivos e de melancolia, demonstravam-se presentes na sociedade da época e, em razão da forte influência social da Igreja, as crenças propagadas de Paraíso ou Inferno após a morte relacionaram o sofrimento

ao pecado (MELO; RIBEIRO; MOREIRA, 2015). Já no Renascimento, as fortes mudanças na vida cotidiana, como a expansão do comércio e a ideia do individualismo como o traço mais marcante da sociedade, proporcionaram ao homem da Renascença a liberdade, autonomia e responsabilidade por sua ascensão social e econômica, assim como a insegurança, ansiedade e pressão social, demonstrados como sofrimentos da época, já que o futuro passa a ser incerto e o próprio indivíduo passa a ser responsável por seu possível sucesso. Além disso, é uma época marcada por sentimentos de isolamento, individualidade e competitividade (MELO; RIBEIRO; MOREIRA, 2015).

Segundo Melo, Ribeiro e Moreira (2015), as características de individualismo, a competitividade e o isolamento continuam na Modernidade, época marcada pela ascensão do capitalismo, valorização do trabalho como meio de chegar a possível ascensão econômica e o sucesso financeiro como possibilidade de felicidade. Diferente do Renascimento, entretanto, o homem moderno demonstra-se mais consciente do sofrimento que surge com tais mudanças. O século XIX marca a era da razão técnica e ciências autônomas, produzindo mudanças na vida psicológica das pessoas e resultando em sofrimento em razão da repressão de emoções desses indivíduos. Nesse contexto de mudanças, surge o movimento existencialista, que buscava romper com a com as ideias recorrentes da época de separação entre mente e corpo, buscando firmar a compreensão de homem em sua totalidade e dinamismo de um Ser que “sente, pensa e quer” (MELO; RIBEIRO; MOREIRA, 2015, p. 52).

Em questões da compreensão de sofrimento nas diferentes épocas, ainda segundo Melo, Ribeiro e Moreira (2015), a contemporaneidade é marcada por um indivíduo que sofre pela constante pressão social de alcançar determinado nível de sucesso, cuja responsabilidade de alcançar é inteiramente sua, ideia propagada desde o surgimento e ascensão da burguesia no Renascimento. O homem contemporâneo se encontra em um mundo de oportunidades e o fracasso de não alcançar o sucesso mesmo frente às possibilidades traz sentimentos de culpa. O sofrimento na contemporaneidade, diferente da concepção da Antiguidade, não é compreendido como parte da condição humana, mas está associado à noção de doença, de uma dor que deve ser combatida e curada, como se o sofrimento fosse algo externo ao indivíduo. Tal concepção permite o aumento dos diagnósticos de transtornos psicopatológicos e impede possibilidades de lidar de formas diferentes com o sofrimento. A dor do indivíduo contemporâneo se transformou em patologia.

Em relação aos fenômenos que surgem com a Modernidade, a ciência e a técnica são característicos da época atual (HEIDEGGER apud SANTOS; SÁ, 2013) e influenciam a nossa compreensão de sofrimento. Considerando que, como previamente abordado no

capítulo 2.2 em relação ao antecipar da morte a partir da angústia, que permite ao indivíduo tornar-se consciente de que está imerso em uma autoridade normativa que o mantém misturado aos outros, sendo assim, uma dimensão que permeia a vida cotidiana, no próximo subcapítulo será apresentada uma breve introdução sobre a Era Técnica para que seja possível, posteriormente, explorar os sofrimentos experienciados na cotidianidade nessa Era em questão.

2.3.2 Sofrimento na Era Técnica

O horizonte histórico de sentido da época contemporânea, que Heidegger (apud DANTAS; SÁ; CARRETEIRO, 2009), denomina a Era Técnica, apresenta os modos de Ser do homem contemporâneo, referindo-se a um homem que não lida com as incertezas da existência humana e não consegue integrar adequadamente algumas experiências que são fundamentais ao existir, “tais como a dor, o amor, a liberdade e a morte” (DANTAS; SÁ; CARRETEIRO, 2009, p.20). A perspectiva técnica tem origem, segundo Santos e Sá (2013), em uma cultura que oscila entre “pessimismo cético” (p.55), firmada na ideia dos prazeres imediatos e ao enfoque do presente, que esgota todo sentido ao consumo imediato; e o “otimismo ingênuo” (p.55), relacionado à compreensão de que tudo depende exclusivamente do indivíduo, e em razão disso, a ideia dominante é a de que o indivíduo precisa garantir o bem-estar a longo prazo. Segundo Dantas, Sá e Carreteiro (2009) a razão tecnológica é o critério predominante de orientação nas atividades sociais, políticas, econômicas e culturas do cotidiano, de modo que ela oferece referências atuais de progresso e desenvolvimento. A Era Técnica valoriza o modo de pensar caracterizado pelo cálculo, configurando assim o empobrecimento do pensamento e a prevalência do horizonte de sentido que impõe modos “de ser, estar, agir e pensar” (p.2) que evidenciam as formas de adoecimento na sociedade contemporânea e delineiam as formas de experienciar o fenômeno da angústia.

Desse modo, a interpretação de saúde e doença na sociedade contemporânea se dá por uma interpretação em que saúde é associada à ideia de adequação social e capacidade de produzir e consumir, enquanto os sofrimentos psíquicos são associados à doença e ao fracasso. Tais entendimentos podem ser reconhecidos nas relações de corporeidade, temporalidade e finitude da existência humana nos tempos contemporâneos (SANTOS; SÁ, 2013). Nas reflexões de Heidegger (apud DANTAS; SÁ; CARRETEIRO, 2009) sobre a existência humana, mesmo em um mundo que parece estar garantido pelo controle técnico, a

angústia emerge. Exatamente ela que possibilita uma abertura na ampliação de horizonte de sentido do homem, na medida em que rompe com suas referências anteriores de sentido. Além disso, ela possibilita uma relação mais livre no mundo em que se insere, sendo atualmente o mundo da técnica. Era em que, segundo Santos e Sá (20013), demonstra-se a necessidade de controlar a existência de forma compulsiva que marca o horizonte contemporâneo.

2.3.3 Contemporaneidade e falta de sentido à vida

Enquanto ser-para-a-morte, como já apresentado no capítulo 2.2 deste trabalho, o ser humano consciente de sua morte, que é a possibilidade mais certa e própria de sua existência, está aberto a compreender sua singularização no mundo e sua liberdade de Ser em sentido próprio. Esse processo é desfavorecido pela necessidade atual e característica da era contemporânea que busca, além do controle excessivo da existência, a eliminação dos sofrimentos como a angústia, questões já apresentadas no subcapítulo anterior. A era contemporânea apresenta, ainda, a emergência cada vez maior dos quadros dos sofrimentos considerados psicopatológicos, dados que são confirmados pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), que estima que mais de 300 milhões de pessoas sofram depressão no mundo. No livreto *Depression and Other Common Mental Disorders Global Health Estimates* publicado em 2017, a Organização Mundial de Saúde (OMS) relatou que o número global de pessoas com transtornos mentais vêm aumentando, sendo que os casos de depressão aumentaram 18% entre 2005 e 2015. Em relação à ansiedade, a OMS afirma que o índice de pessoas com transtornos de ansiedade teve aumento de 14.9% de 2005 a 2015, sendo que valor estimado de pessoas no mundo que vivem com o transtorno atualmente é o de 264 milhões.

As mudanças no modo de viver ocorridas no mundo contemporâneo foram provocadas pelo desenvolvimento técnico-científico e, entre outros aspectos, transformações de valores e costumes. Desde o século XX, o homem vem demonstrando comportamentos mais hedonistas, rejeitando compromissos de longo prazo e valorizando a obtenção do prazer imediato. Apresenta também aspectos consumistas, apoiados por uma compreensão de mundo capitalista e no aumento no consumo das massas em razão das práticas desse sistema (CARVALHO, 2010). O enriquecimento a partir da expansão dessas práticas capitalistas, entretanto, aconteceu de maneira desigual entre classes sociais e diferentes povos, o que

estimulou a aspiração de um nível econômico e social tal como das nações mais ricas. Verifica-se o entusiasmo por inovações científicas e tecnológicas, em uma sociedade que demonstra maiores exigências relacionadas ao bem estar e desejo de obter o prazer o mais rápido possível. Ainda assim, a liberdade aparece como um dos grandes valores do ocidente, expressando o reconhecimento de que a construção de sentido à vida não se afasta da liberdade e responsabilidade do homem perante suas escolhas (CARVALHO, 2010).

A Contemporaneidade demonstra uma emergência cada vez maior dos quadros de ansiedade, depressão, angústia e pânico, que afirma o modo calculante do projeto moderno, de um indivíduo que “calcula e mede, domina e determina” (DANTES; SÁ; CARRETEIRO, 2013, p. 5) e não reflete sobre o sentido estabelecido a tudo que existe no mundo. Essas ilusões de controle limitam a condição do indivíduo em modo de abertura, ou seja, na condição de estar aberto às possibilidades de Ser (DANTES; SÁ; CARRETEIRO, 2013). Numa perspectiva existencial, essas manifestações consideradas psicopatológicas fazem parte de uma totalidade da existência do indivíduo e, em parte, surgem como expressões na construção do Ser no mundo. As manifestações psicopatológicas são uma possibilidade humana universal e, quando experienciadas, surge a necessidade de buscar formas de lidar com essas experiências a partir do comprometimento do indivíduo com ele próprio. A saúde mental é caracterizada, a partir da concepção existencial, como a capacidade do indivíduo para lidar com complexidades de sua existência no mundo (TEIXEIRA, 2006).

Segundo Teixeira (2006), a psicopatologia parece surgir da falta de sentido. A experiência do vazio existencial, que compreende o sentimento generalizado de falta de sentido por um indivíduo que vive sem direção e sem expectativa, é complexa e pode estar relacionada a diversos fatores, sendo esses culturais, sociais, psicológicos, entre outros. Entre os fatores, salientam-se o predomínio do individualismo, associado a uma cultura que valoriza a centralização da satisfação imediata e experiência de relações interpessoais como utilitárias. Em razão da valorização da exterioridade do existir, predomina a desvalorização da interioridade das vivências e a falta da priorização de seu projeto existencial, podendo significar a falta pela procura de significado a sua própria existência.

O vazio existencial e a depressão são denominados as doenças do século XXI, sendo que desde a segunda metade do século XX, o sentimento de vazio de sentido tornou-se uma das principais queixa das pessoas em psicoterapia (CARVALHO, 2010). Em relação ao dar sentido, segundo Kujawski (apud CARVALHO, 2010), uma das acepções de sentido é o significado. Significar, nesse contexto, é apresentar à razão o sentido que deseja dar a sua própria vida, já que o sentido não é algo predeterminado. Significar exige do indivíduo, ainda,

responsabilidade para com suas escolhas, de modo que estar consciente desse processo em questão, manifesta na consciência de que vale a pena viver. Considerando o sentido a base do desenvolvimento do indivíduo, dar significado à vida possibilita, dessa forma, melhores condições de enfrentamento de sofrimentos e orientação de qual direção seguir (CARVALHO, 2010). Segundo Teixeira (2006)

O Homem é, como se sabe, um ser em mudança e transformação permanente, que vive uma existência finita e caracterizada por capacidades e fragilidades pessoais, bem como por oportunidades e limitações criadas pelo meio. Assim, é necessário abordar em conjunto essa situação existencial e explorar o significado e o valor de aprender a viver de forma mais autêntica, isto é, mais de acordo com os seus próprios ideais, prioridades e valores. (p. 409).

Na perspectiva existencial, deve-se compreender o sofrimento psicopatológico do indivíduo na situação socio-histórica em que ele vive e se relaciona com os outros. A intervenção nessa perspectiva busca facilitar o encontro do indivíduo com o significado de sua existência, promovendo a compreensão sobre sua vida, sobre as dificuldades enfrentadas e de suas limitações como ser-no-mundo. A busca de sentido é entendida como a procura do sentido da existência individual, ou seja, na compreensão do propósito de sua própria vida. A falta de sentido e os sentimentos de vazio proporcionam um impasse em relação aos projetos e modos de ser do indivíduo. A psicopatologia surge, desse modo, quando o projeto de sua realidade histórica se afasta de seu projeto existencial. Assim, cabe ressaltar a importância de explorar o significado e o valor de dar sentido à vida, em um exercício de aprender a viver de forma mais autêntica, em uma vivência verdadeira em relação a si mesmo e coerente com as suas próprias possibilidades, mesmo com todas as incertezas futuras (TEIXEIRA, 2006).

2.4 PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL COMO CUIDADO

Em meados do século XX, as três forças predominantes na Psicologia eram a Psicanálise, o Behaviorismo e o Humanismo, abordagem que nesse período apreende o movimento filosófico do Existencialismo como tema central e a Fenomenologia como método. Diante disso, surgem as abordagens terapêuticas preocupadas com questões da existência e denominadas, então, de fenomenológicas-existencial (GOMES; CASTRO, 2010). Neste capítulo serão apresentadas as propostas terapêuticas da abordagem Fenomenológica-

Existencial, a fim de complementar esta pesquisa realizada no campo da Psicologia, identificando as atitudes clínicas na compreensão da trajetória existencial humana que é finita e partir de uma perspectiva que compreende o paciente enquanto ser-para-a-morte em sentido próprio e responsável por sua própria existência.

2.4.1 Introdução à Psicologia Fenomenológica-Existencial

A analítica existencial de Heidegger (apud ROEHE, 2006) produzida em *Ser e Tempo*, serviu de base para o desenvolvimento da Psicologia Fenomenológico-Existencial. É essa a obra que uniu o pensamento e os procedimentos fenomenológicos aos questionamentos em relação ao modo do Ser humano e é nela, também, que o autor propõe, a elaboração da ontologia fundamental. Cabe ressaltar que o campo da Psicologia foi influenciado por *Ser e Tempo* a partir de uma leitura psicológica da obra e que, filosoficamente, essa interpretação não é capaz mostrar sua totalidade, considerando o quão ampla é e o fato de que ela não visava dar conta de questões psicológicas. Essa influência viabilizou, entretanto, a elaboração de compreensões clínicas diferentes das que tinham sido desenvolvidas até aquele momento (ROEHE, 2012).

A partir da analítica heideggeriana que considera o indivíduo como *Dasein*, que é singular e abertura para as possibilidades em sua relação com o mundo, a clínica de perspectiva fenomenológica trabalha com a possibilidade de “teorizar, explicitar, questionar e reinventar a trama do sentido que se apresenta na concreção fática da vida” (BRAGA; FARINHA, 2017, p. 73). O que diverge das ideias de compreensão de homem a partir de teorias de uma personalidade já estabelecida. Entre terapeuta e paciente, por exemplo, as relações de sentido são esclarecidas e criadas, possibilitando ao indivíduo apropriar-se de sua própria trajetória, frente às possibilidades de Ser no mundo (BRAGA; FARINHA, 2017). A Psicologia Fenomenológica-Existencial busca compreender as significações das vivências do indivíduo de maneira a ampliar suas possibilidades a partir de questionamentos, em um movimento de encontrar o pensamento reflexivo e possibilidade de pensar diferente do modo calculante. É na totalidade de existência que a abordagem compreende o indivíduo, considerando os aspectos de sua existência, seu contexto social, relações afetiva, corpo biológico, entre outros. Compreendendo o indivíduo em sua finitude, inserido no tempo e espaço de sua existência e que, sendo, questiona-se a si mesmo (HEIDEGGER apud BRAGA; FARINHA, 2017).

Considerando o indivíduo inserido no tempo de sua existência, o modo de viver do homem contemporâneo, como já apresentado no capítulo anterior, é caracterizado pelo pensamento calculante característico da Era Técnica. Segundo Braga e Farinha (2017), esse pensamento é voltado ao domínio dos fenômenos e esse homem com pensar lógico e racional, a partir da procura de controle dos fenômenos, busca o controle de si próprio. Esse tipo de pensamento é expresso no campo da Psicologia, por exemplo, na utilização dos instrumentos de avaliação que não consideram o contexto do indivíduo avaliado, como seu processo de socialização, suas relações e condições socioeconômicas. Desse modo, o pensamento calculante desconsidera a necessidade do indivíduo de significar suas vivências, distanciando-o, assim, do mundo que vivencia.

As práticas psicológicas na perspectiva que entende o indivíduo como “existência”, tal como Heidegger (apud BARRETO; SÁ, 2011) elaborou em *Ser e Tempo*, são marcadas por uma atitude clínica que propõe o abandono de qualquer cientificismo que objetifique o sofrimento do indivíduo, isto é, que não o considere em sua totalidade. Além disso, são demarcadas a partir do exercício da atenção do terapeuta e pela suspensão da postura técnica em que ele conduz todo processo clínico através de suas representações técnicas ou na imposição de seu desejo ao outro. A admissão de pressupostos ontológicos da hermenêutica na perspectiva fenomenológica-existencial, que permite novas possibilidades de abordagem dos fenômenos psicológicos, requer o abandono de elementos do método científico-cultural; Em relação a esse abandono, entende-se a atitude clínica do psicólogo como cuidado, em que acompanha o cliente na tarefa de compreender e assumir o que ele é como ser-lançado (BARRETO, 2006 apud BARRETO; SÁ, 2011). Ainda sobre a atitude clínica, Barreto e Sá (2011, p. 393) declaram:

Assim compreendida, a ação clínica apresenta-se como escuta que chama o “dizer” (*zeigen*), compreendido como deixar ver, e prepara a situação para que ele possa acontecer como abertura para outras possibilidades de ser. Esta “seria a tarefa do terapeuta existencial: resgatar o homem singular que se encontra perdido no geral” (Feijoo, 2008, p.317).

No viés existencial, segundo Teixeira (2006), a psicoterapia pretende auxiliar o indivíduo na reorganização de sua existência, facilitando à busca pela autenticidade e mudanças em sua vida. O encontro consigo mesmo proporciona ao indivíduo a compreensão de suas assunções e questionamentos em relação a seu projeto existencial, possibilitando que ele autenticamente o assuma como seu. Utilizando o método fenomenológico, a finalidade é a compreensão dos significados nas dimensões de sua existência, em uma análise que não o

reduza apenas a seus processos psicológicos, separando-o do mundo, mas reconhecendo e prezando os significados construídos pelo indivíduo em sua existência, como suas emoções, comportamentos, crenças e relações. De modo que o indivíduo não pode ser compreendido separadamente do mundo, a psicopatologia, quando presente, também não. A compreensão da psicopatologia deve ser considerada em todas as condições do indivíduo, sendo elas históricas, biológicas, psicológicas, entre outras, além de na dificuldade de construção de significados e no desenvolvimento de seu projeto existencial.

Como já apresentado no subcapítulo 2.3.3, as experiências psicopatológicas podem estar associadas ao vazio existencial. Em relação à falta de sentido à vida, numa perspectiva existencial, a psicoterapia tem como finalidade a facilitação do encontro do indivíduo com o significado da sua própria existência, a fim de promover ao indivíduo a possibilidade de reavaliar sua vida, sofrimentos e seus limites como ser-no-mundo. A resposta terapêutica para essa falta de sentido é o compromisso autêntico com seu projeto existencial, suas escolhas e com os outros. O compromisso com o projeto refere-se à responsabilidade com sua realização a partir de ações, construído livremente e unificando as experiências e escolhas do indivíduo, que resulta em harmonia e congruência do indivíduo como todo, em seus pensamentos, ações e relações. A busca de sentido é a busca de sentido da existência individual e, desse modo, compreensão do propósito da vida de si para si próprio (TEIXEIRA, 2006).

2.4.2 Daseinsanálise e cuidado

A abordagem Fenomenológica-existencial foi desenvolvida por vários autores de diversos países que conduziram sua teoria e prática através de sua compreensão pessoal das obras consideradas base do desenvolvimento da abordagem. Ludwig Binswager e Medard Boss foram dois autores que denominaram a Daseinsanálise como exercício da analítica existencial heideggeriana em relação aos problemas existenciais (FEIJOO, 2011). A psicoterapia existencial de Binswanger (apud FEIJOO, 2011) apresentou como método de pesquisa fenomenológica a análise existencial, uma modalidade clínica inspirada na ideia de cuidado e projeto, trabalhados em *Ser e Tempo*. Entretanto, sua perspectiva em relação ao cuidado se acrescentou à noção de amor, concepção criticada pelo próprio Heidegger que o acusa de estar se aproximando de uma compreensão de psicologia com ênfase na subjetividade.

Já Boss (apud FEIJOO, 2011) atribuiu a sua compreensão de Daseinsanálise as tonalidades afetivas, como a angústia e o tédio, que colocam em jogo a compreensão da finitude do *Dasein* e frente ao nada de sua existência, o que possibilita a mobilização e o despertar para um sentido. As discussões sobre Daseinsanálise foram fomentadas por Medard Boss e Heidegger, em companhia de outros médicos e psicoterapeutas, em encontros que aconteceram de 1959 a 1969 e foram intitulados e publicados como *Seminários de Zollikon*. Esses seminários possibilitaram compreender uma clínica psicológica a partir dos estudos de sobre a questão do Ser trabalhada em *Ser e Tempo*, sendo esses os seminários que apresentam a possibilidade de uma psicoterapia que traz a ideia de que o ser humano é destinado ao cuidado (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011).

2.4.3 Psicoterapia fenomenológica-existencial como cuidado na trajetória mortal do paciente falante

A prática psicoterápica da abordagem Fenomenológica-Existencial, como apresentada até o presente momento, não se resume à aplicação de um método e técnicas instituídas, assim como não classifica o homem a partir de instâncias psíquicas que poderão determinar sua trajetória de vida. A perspectiva fenomenológica-existencial exige o questionamento sobre o que é compreendido como Ser e a psicoterapia é exercida para ajudar as pessoas para que essas consigam alcançar a liberdade de sua existência, trazendo assim a ideia de que o homem é destinado ao cuidado (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011).

Na clínica fenomenológica-existencial o cuidado, componente fundamental da existência do *Dasein*, surge como “temática essencialmente articulada ao questionamento sobre o sentido da existência cotidiana, das experiências de sofrimentos e suas possibilidades de modulações e transformações” (SANTOS; SÁ, 2013, p, 54). Como apresentado no capítulo 2.1.3, o Ser do *Dasein* é o cuidado, de modo que tem como tarefa e questão ser si mesmo e cuidar de quem é, na preocupação (solicitude) com outros que são *Dasein* e na ocupação de coisas. Segundo Santos e Sá (2014), duas das possibilidades dessa preocupação do *Dasein* são extremamente importantes para a reflexão clínica. A primeira delas refere-se à preocupação que substitui o outro e assume suas ocupações para posteriormente devolvê-las como algo concluído de modo que, para Heidegger (apud SANTOS; SÁ, 2013), pode favorecer a dependência e dominação em relação ao outro, mesmo que de forma encoberta. Esse tipo de

preocupação está relacionado às práticas terapêuticas que aspiram a teorias e técnicas que deem conta do sofrimento humano.

A segunda preocupação, segundo Santos e Sá (2013) é aquela que o *Dasein* não substitui, mas se antepõe ao outro, de modo que coloca o outro frente às suas possibilidades de Ser. Essa última forma de cuidado se refere ao cuidado propriamente dito, em que em seu cuidado, ajuda o outro a se tornar livre para si mesmo. Na clínica, o cuidado na forma de anteposição se dá no modo do terapeuta se deixar apreender para manifestação das possibilidades do outro, já que ambos, paciente e terapeuta, enquanto *Dasein* são abertura. A preocupação de anteposição, forma de cuidado terapêutico apresentado anteriormente, entende a doença como restrição de sentido do indivíduo. O adoecimento do *Dasein* que é “abertura de correspondência de sentido dos entes que lhe vem ao encontro” (SANTOS; SÁ, 2013, p. 56) é caracterizado pela impossibilidade do indivíduo de correspondência a outros sentidos iminentes no mundo, de forma que se encontra limitado a específico modo de existir. A Psicologia, desse modo, é utilizada para auxiliar no ganho liberdade, não no sentido de vontade dele, mas na condição de que o homem pertence à liberdade e que o quanto ele deixa manifestar em sua abertura no mundo está relacionado o quão livre ele é.

O cuidado terapêutico, de acordo com Santos e Sá (2013), deve ser pensado a partir dos nossos modos de existir do e do contexto histórico que estamos inseridos, já que o mesmo influencia os limites de sentido das experiências de sofrimentos e modos de cuidado proliferados. Na perspectiva do sentido geral do que é saúde e doença na contemporaneidade, os cuidados terapêuticos podem acabar sendo inseridos na tecnicidade do horizonte histórico, a partir de uma necessidade de controle da existência que é entendida como energia para produção na lógica de mercado. A necessidade de controle, produção e consumo são fenômenos que “implicam um modo de temporalização da existência” (SANTOS; SÁ, 2013, p. 57) que possibilita o surgimento de sofrimentos como compulsões, tédio e estresse, e desfavorecem o movimento de pensar sobre o significado da vida sem a correspondência automática de sentido dado a ela atualmente, a de controle, produção e consumo. A atividade de pensar sobre o sentido da vida que, como declaram os autores, não deveria estar distante dos cuidados relacionados à saúde.

O ser humano não está apenas “dentro” do tempo, mas o tempo é constituinte de seu próprio Ser. A experiência do tédio, um dos fenômenos que emergem na contemporaneidade e surge como correspondência da necessidade compulsiva do indivíduo de ocupação, está relacionada à experiência de tempo, de modo que o tempo para esse indivíduo se mostra como vazio e “demorando a passar”. O tédio, dessa forma, pode favorecer a perda de sentido da

existência, manifestando-se como falta de sentido (SANTOS; SÁ, 2013). O tédio, então, remete a uma suspensão total do existir, de forma que o tempo é drasticamente esvaziado, revelando a indiferença do indivíduo com o mundo e o desaparecimento de possibilidades. O tédio como angústia pode transparecer ao *Dasein* o seu ser-para-a-morte, já que o tédio mostra a condição de sua existência finita (FEIJOO, 2011). Em relação a isso, Feijoo (2011, p. 33) afirma que:

Uma questão proposta por Heidegger em *Os conceitos fundamentais da metafísica* (1929/2006) merece ser pensada no interior de uma perspectiva daseinsanalítica: o que fazer frente à mobilização incitada pelo tédio como à angústia frente à antecipação do ser-para-a-morte? Heidegger aposta na não resistência através da distração ou do exacerbamento de ocupações, mas, pelo contrário, deixá-lo ecoar.

Os seres humanos enquanto *Dasein* são os únicos entes que entendem sua condição de mortal e sabem de sua finitude, ou seja, que estão predeterminados ao fim e que um dia não existirão mais. Para perspectiva fenomenológica-existencial, o *Dasein* é o único ente que convive com seu ser-para-a-morte e é livre para viver e morrer. A morte como fim, para Heidegger, tem o papel de libertar as possibilidades mais autênticas e fáticas do *Dasein*, o seu poder-ser mais próprio acontece quando o *Dasein* se apropria de seus modos de Ser, projetando-se rumo à morte que o totaliza (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011). Para a compreensão e a existência do *Dasein* torna-se necessário o entendimento de sua finitude, de forma que o Ser para suas possibilidades no-mundo é uma dinâmica de uma existência finita (CASANOVA, 2019 apud SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011).

O *Dasein*, ao compreender seu poder-ser, percebe-se responsável por dar conta de sua existência, sendo assim, deve cuidar de Ser. Heidegger refere-se ao cuidado como o experienciar o mundo e construí-lo, garantindo sua existência biológica e, cuidando do si próprio e dos outros, sendo que, ser-no-mundo é definido como cuidar (LOPARIC, 1999 apud SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011). A compreensão dos sentidos dos sofrimentos da existência humana possibilita o olhar fenomenológico como cuidado na psicoterapia. Essa compreensão não acontece apenas pelo conhecimento teórico ou habilidade técnica, mas em um movimento de apropriar-se dos modos impessoais, pelas disposições do *Dasein*, antecipação do ser-para-a-morte e pela decisão frente às possibilidades do Ser de seu poder-ser próprio (SANTOS; SÁ, 2013). Com relação às inquietações da existência como a angústia e o tédio, para Feijoo (2011), a postura do terapeuta da Daseinsanálise deve ser a de aproximação dessas inquietações em um diálogo clínico. A transformação na clínica psicológica a partir da fenomenologia hermenêutica de Heidegger não se dá apenas pela

vontade do terapeuta ou do paciente, mas o que realmente provoca a transformação no processo clínico são, justamente, essas tonalidades ou disposições como a angústia ou o tédio. A angústia surge como um mobilizador da existência em que o indivíduo se vê aberto a duas possibilidades: tentar se livrar dela e voltar ao que lhe é familiar ou concretizar-se em seu poder-ser, de modo que se singularize e desperta para um sentido.

De acordo com Santos e Sá (2013), os sofrimentos existenciais, incluindo a angústia da morte, não podem ser esclarecidos pelas intervenções técnicas da saúde por não serem estados patológicos. Entretanto, é a partir do silenciamento do barulho do impessoal do falar contínuo, de “falar por falar” do falatório do *das Man*, é que se pode colocar em escuta às demandas de sentido que é própria e singular, no caso da psicoterapia, de quem está sendo atendido. A prática psicoterápica nessa perspectiva acolhe a angústia e as reflexões que surgem a partir dela enquanto espaço de correspondência aos questionamentos provocados pela condição existencial do ser humano. Ao terapeuta, segundo Santos e Sá (2013), é necessário a atenção ao cuidado psicoterapêutico, para que seja possível ter um movimento de suspender o que é do cotidiano e dos saberes científicos, a fim de ter um pensamento diferente do senso comum e da atitude calculante, mas de modo a permitir que apareça em sessão o fenômeno como é, a partir das possibilidades próprias do indivíduo.

Para Sodelli e Sodelli-Teodoro (2011), o foco do trabalho de terapeuta na perspectiva fenomenológica-existencial é na pessoa, pois é o sentido de sua vida que precisa ser compreendido e sua existência, assim como ela, precisa ser cuidada. A psicoterapia possibilita ao paciente aprofundar sua compreensão em relação ao seu modo de existir, ou seja, como está experienciando sua existência, a partir de interpretações da facticidade da existência que se manifesta no consultório. Na perspectiva de Feijoo (2000 apud SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011), o psicoterapeuta utiliza a técnica e o método de um saber não explicativo ou contemplativo, mas sim meditativo em que habita o sentido no paciente e, com a preocupação de anteposição, dá-se a sua escuta. O psicoterapeuta, de acordo com Sá (2002 apud SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011), promove um espaço clínico em que a ampliação dos limites do paciente possa acontecer e que sustente a vida como produção de narrativa de sentido para o indivíduo. A psicoterapia configura-se como o exercício da analítica do *Dasein* no encontro que acontece entre o terapeuta e o paciente, em que “o encontro que tece e destece sentidos previamente dados, libera para outros sentidos, onde toda queixa, sintoma, fala ou silêncio, remetem à abertura originária que é a existência humana” (SÁ 2002 apud SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011, p. 264).

Em relação à psicoterapia a partir da atenção fenomenológica com o cuidado clínico, Magliano e Sá (2015) afirmam que ela visa favorecer a liberação do *Dasein* frente às restrições de significados sedimentados em seu horizonte existencial. A dinâmica da psicoterapia nessa perspectiva remete o *Dasein* a si mesmo, interpretando-o no exercício fenomenológico, a partir de seu mundo que não é explicitado no falatório cotidiano do *das Man*. A interpretação que surge do encontro entre terapeuta e paciente na “dinâmica de velamento e desvelamento” (MAGLIANO; SÁ, 2015, p. 26), a fim de buscar a verdade em seu sentido originário, trazendo-a à luz, já que o *Dasein* pode se encontrar encoberto para ele mesmo. Desse modo, a clínica nessa perspectiva está relacionada à atenção de preservar o pensamento sobre o sentido, adotando uma escuta clínica que implica na ampliação de abertura frente ao mundo.

Em sessão, segundo Sodelli e Sodelli-Teodoro (2011), o psicoterapeuta deve proporcionar ao paciente a escuta autêntica, que possibilita a compreensão do outro a partir do mundo que é apresentado por ele, isto é, a partir da existência singular do paciente, o que produz um campo que é próprio para que isso aconteça. Essa atitude da escuta terapêutica viabiliza um ambiente ao paciente no qual se torna possível a manifestação da angústia, sendo assim, necessário que o psicoterapeuta consiga lidar tanto com a angústia do outro, como com a sua própria. A compreensão a partir da escuta terapêutica é assumida, diferente do pensamento calculante, pelo pensamento meditativo nos afasta da cotidianidade do *das Man* e evidencia-nos à “temporalidade autêntica” (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011, p. 268). Desse modo, a escuta terapêutica torna possível alcançar a psicoterapia que Heidegger propôs em *Seminários de Zollikon: de Dasein* (terapeuta) para *Dasein* (paciente). O outro elemento que possibilitará esse espaço terapêutico que proporciona ao *Dasein* (paciente) apropriar-se de seu Ser mais próprio se dá na linguagem do pensamento meditativo: a linguagem poética.

Para Sapienza (apud SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011), a terapia possibilita o reencontro com o modo de sentir em relação às coisas que importam. Coisas estas que em razão da dificuldade de comunicação foram esquecidas e, a partir da linguagem poética, é possível encontrá-las novamente. No entendimento de Barbosa, Francisco e Efken (2007), através do discurso o paciente pode se expressar, de modo que ao cuidar desse indivíduo, torna-se possível lhe dar “voz ativa sobre a sua própria vida” (BARBOSA; FRANCISCO; EFKEN, 2007, p.57), considerando que é através da palavra que “as coisas chegam a ser” (BARBOSA; FRANCISCO; EFKEN, 2007, p.57). Nessa mesma perspectiva, Sodelli e Sodelli-Teodoro (2011) afirmam que aquilo que não é apresentado à linguagem não existe, ou seja, apenas através da fala que a existência se torna concreta, de modo que “o ser humano é

falante” (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011, p. 255). O *Dasein* cuida de Ser através de uma linguagem que, diferente da concepção de linguagem calculante que desoculta o oculto para dar explicações, é poética e torna compreensível o sentido do Ser das coisas e da relação do *Dasein* com elas. A linguagem poética traz à luz o que está oculto no paciente. Quando há compreensão dessa linguagem, já que o falar poeticamente não exige compreensão, a comunicação acontece.

O espaço da clínica fenomenológica considera que o dizer técnico afasta o paciente de si próprio, já que o conduz ao pensamento da técnica que “fala de todos nós, mas não exatamente de cada um” (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011, p. 270). O falar autêntico e significativo é aquele que se encontra aberto e que possibilita, através da escuta terapêutica e o silêncio que não se expressa em palavras, a expressão do *Dasein*, daquilo que se oculta e também daquilo que é revelado. A linguagem clínica na abordagem tratada neste trabalho é a poética, na qual a compreensão do terapeuta pode possibilitar ao paciente experimentar o encontro com outro *Dasein* que assim como ele é mortal e que também experimenta a condição de ser-para-a-morte. O ser psicoterapeuta (que é *Dasein*) na perspectiva fenomenológica existencial, dessa forma, é acompanhar o paciente (que é *Dasein*) em sua trajetória mortal pela condição ontológica de ser-para-a-morte, favorecendo ao paciente, pessoa que busca a psicoterapia por estar precisando ser cuidada, a descoberta de que está aberto às possibilidades de sua existência (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011).

No contato com essa abertura de sua (paciente e terapeuta) condição existencial que é possibilitado pela angústia, o paciente pode se apropriar de cuidar de si mesmo e do direcionamento de sua própria existência, no sendo autêntico, assumir a possibilidade de criação de sentido (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011). Em consideração à clínica preocupada com a pessoa que sofre, Barbosa, Francisco e Efken (2007) afirmam que a possibilidade de dar novos sentidos à vida através do enfrentamento com sua condição de ser-para-a-morte é fundamental. Barbosa, Francisco e Efken (2007, p. 59) afirmam, ainda, que:

Cuidar da vida é compreender o homem como ser-para-a-morte, enxergá-lo na sua singularidade e nos seus diferentes modos de habitar o real. O real de um mundo percebido a partir das ansiedades e angústia em que o não-ser, denunciado pelo adoecimento, se manifesta e põe este homem em contato com sua finitude.

Desse modo, compreende-se a clínica a partir da perspectiva de Heidegger (apud BRAGA; FARINHA, 2017) como o espaço do cuidado do Ser que através do processo clínico ajuda a explicitar sua trajetória existencial finita e possibilita a ampliação da liberdade em relação às escolhas e, assim, a reformulação de seu mundo. Como colocado por Werle (2003),

a tomada de consciência de que somos um ser-para-a-morte proporciona questionamentos de todo o Ser e a morte permite, além da consciência de toda nossa existência, assumir a singularidade da existência, sendo que o *Dasein* atribui significados novos ao mundo e é o único ente com a possibilidade de se apropriar de seu caráter finito.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este trabalho é classificado como exploratório em relação em seus propósitos gerais. Segundo Gil (2002, 2017), esse delineamento tem o objetivo de proporcionar uma maior familiaridade para com o assunto em questão, assim como desenvolver e esclarecer conceitos e ideias. Apresenta maior flexibilidade no que se refere ao planejamento de pesquisa, de modo que considera os vários aspectos relativos ao fenômeno em estudo.

3.2 DELINEAMENTO

Esta pesquisa é classificada como bibliográfica e tem sua elaboração com base em materiais já elaborados e publicados. Inclui impressos como livros, materiais disponibilizados na internet, revistas, teses e dissertações, possibilitando uma ampla cobertura de fenômenos e alcance de informações acerca do fenômeno em questão (GIL, 2017).

3.3 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa bibliográfica acerca do tema, a partir de consultas a fontes distintas, como impressos diversos, bases de dados e bibliotecas virtuais, tais como Google Acadêmico, SciELO, CAPES, além de periódicos da UFSJ, utilizando as palavras-chave relacionadas à temática, como: Psicologia Fenomenológica-Existencial, Heidegger, Morte e Sentido, sem delimitação de período em que foram publicados. Foram selecionados livros e artigos que apresentassem e discutissem, direta ou indiretamente, a problemática de investigação do trabalho e que fossem fundamentados em uma compreensão fenomenológica-existencial.

Com o material encontrado a partir da pesquisa, foi feita uma leitura exploratória, que possibilita uma visão global da obra e a verificação da relevância da mesma em relação ao tema da pesquisa. Com as obras selecionadas após a leitura exploratória, foi feita uma leitura

analítica para verificar se estas possibilitariam a obtenção das respostas ao problema desta pesquisa (GIL, 2002) para que fosse possível a análise de dados e produção deste trabalho.

3.4 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram analisados a partir do método hermenêutico, tal como utilizado por Heidegger (1927/2015). Esse método é um caminho possível de investigação de temas da Psicologia que nos permite investigar o fenômeno tal como ele se mostra, pois esse se mostrar do fenômeno já se revela “em uma compreensão daquilo que nos vem ao encontro” (FEIJOO, 2018, p. 337). O procedimento a partir do método deu-se, primeiramente, na suspensão de concepções de outras abordagens da Psicologia em relação ao fenômeno em questão, de modo que ao desconstruir fenomenologicamente as verdades já estabelecidas, permitiu uma abertura à possibilidade de construção de outras possibilidades de pensar o fenômeno em questão (FEIJOO, 2018).

Segundo o método hermenêutico utilizado para a análise dos dados, a interpretação ocorre a partir do discurso do sujeito que possibilita conhecer as motivações que se encontram ocultas, visa descobrir a intenção significativa por trás do discurso, sendo que, neste trabalho, o discurso se refere aos textos escritos por autores das obras selecionadas para análise. O pesquisador deve compreender a linguagem e o modo que foi utilizada pelo sujeito, fornecendo uma compreensão do todo que só é adquirida pela compreensão das partes (SCHMIDT, 2013).

Em procedimentos práticos, os textos selecionados para a coleta de dados foram organizados de acordo com a utilização dos mesmos nos capítulos deste trabalho. A proposta do primeiro capítulo foi estudar os textos de autores que explorassem a teoria heideggeriana visando identificar os principais conceitos do filósofo. Para o segundo e último parágrafo, foi proposto estudar os parágrafos 53 e 62 da obra *Ser e Tempo* de Heidegger (1927/2015), relacionados ao tema ser-para-a-morte em sentido próprio. A proposta do terceiro capítulo foi de expor questões levantadas acerca do sofrimento emergentes na contemporaneidade em relação à significação à vida, a partir de artigos que investigassem o tema ou apresentassem dados estatísticos. Foi proposto apresentar os artigos e estudos referentes ao tema de pesquisa que possibilitaram relacioná-lo à Psicologia Fenomenológica-existencial, área de estudo, para produzir o quarto e último capítulo. Procedeu-se a interpretação, síntese e análise das

investigações sobre o modo como a Psicologia Fenomenológica-existencial compreende o fenômeno investigado.

4 DISCUSSÃO

A partir da coleta de dados concluída através de pesquisa bibliográfica, esta discussão se faz segundo a perspectiva da analítica de Heidegger (1927/2015) em relação à temática e objetivos proposto neste trabalho. Diante disso, compreende-se que como ser-para-a-morte, o ser humano enquanto *Dasein* tem na morte não um destino trágico, mas uma possibilidade de seu modo de Ser. A consciência de que sua existência acaba possibilita questionamentos sobre essa própria existência, reconhecendo-se como ser-no-mundo que mesmo envolvido no *das Man* que desfavorece sua existência autêntica, tem possibilidade de Ser autêntico e fazer suas próprias escolhas. O *Dasein* é aberto às possibilidades de Ser e enquanto ser-para-a-morte está aberto para se responsabilizar por sua própria trajetória existencial que é finita, aberto assim a dar sentido a sua própria vida.

A morte é apresentada neste trabalho a partir da compreensão de Heidegger (1927/2015), sendo ela a possibilidade mais própria, irremissível, certa e indeterminada do ser humano. Enquanto *Dasein*, o ser humano é abertura para suas possibilidades de Ser e, como já apresentado, a morte é uma delas. Entende-se que a abertura afirma o caráter não fixo ou predeterminado do *Dasein* e em sua condição privilegiada, afirma seu dever de Ser no mundo, seu poder-ser. O antecipar a morte requer do *Dasein* assumir seu próprio Ser a partir de si e para si mesmo, compreendendo a morte como algo que o singulariza no mundo e o permite Ser ele mesmo.

Em concordância e partir do entendimento de morte de Heidegger (1927/2015), Sodelli e Sodelli-Teodoro (2011) afirmam que a morte como fim tem a função de libertar o *Dasein*, sendo os entes humanos os únicos que sabem de sua finitude e entendem sua condição de mortal, o que possibilita a apropriação de seus modos de Ser mais autênticos, projetando-se rumo ao que o totaliza: a morte. A partir disso, entende-se que o ser humano em sua condição de estar aberto as suas possibilidades de Ser, quando assume sua própria finitude e antecipa a morte, torna-se consciente de sua singularidade e possibilidade de existir em sentido próprio, isto é, dar seu próprio sentido para sua existência, não apoiado nas determinações do *das Man* que o mantém inautêntico.

Segundo Roehle e Dutra (2014), a existência autêntica é alcançada na experiência da consciência. O tomar consciência afasta o indivíduo da impessoalidade que não o permite escutar e escolher a si próprio e assumir a liberdade que lhe é própria. Seguindo esse mesmo

entendimento de consciência, Reynolds (2012) afirma que a consciência é um das bases para o *Dasein* encontrar seu “eu” autêntico. A possibilidade de ser autêntico é possível em razão da abertura do *Dasein*, que é desprendido de uma essência predeterminada ou atributos que o definam previamente. O ser humano é, desse modo, responsável por qualquer decisão que toma e segundo Dantas, Sá e Carreteiro (2009), em sua condição de ser livre, cabe a ele se apropriar de suas escolhas. O Ser autêntico para Cerbone (2012) se refere ao reconhecimento de sua totalidade por assumir sua finitude e estar consciente do significado de sua vida.

A transição da inautenticidade para a autenticidade de um *Dasein* que se encontra imerso pela decadência, como colocado por Reynolds (2012) a partir da analítica de Heidegger, ocorre pelo rompimento com o *das Man*, rompimento que Cerbone (2012) chama de angústia. Tanto para Cerbone, quanto para Braga e Farinha (2017), a angústia proporciona ao *Dasein* a confrontação com sua própria existência, colocando-o frente ao sentido de sua vida. A angústia emerge, segundo Feijoo (2011), como algo que mobiliza o indivíduo para a possibilidade de se concretizar em seu poder-ser, desse modo, não tentando se livrar dela, mas permitindo a partir dela despertar-se a um sentido e singularizando-se no mundo. Segundo Dantas, Sá e Carreteiro (2009) a partir dos estudos de Heidegger, a angústia garante a ampliação de horizonte de sentido do ser humano, pois o possibilita se afastar das referências de sentido anteriores e se aproximar da possibilidade de introdução de novos significados, proporcionando assim uma relação mais livre com o mundo. Nessa perspectiva, entende-se que a angústia é uma disposição que nos mobiliza e em razão disso devemos nos aproximar dessa disposição e refletir sobre ela.

Segundo Sá e Santos (2013), os sofrimentos existenciais, entre eles a angústia da morte, não são estados patológicos. Entretanto, a partir do entendimento de sofrimento que é propagado na contemporaneidade, de acordo com Melo, Ribeiro e Moreira (2015), a dor do indivíduo se transformou em patologia por ser associado à doença, que deve ser eliminada e curada, o que dificulta as possibilidades de lidar com o sofrimento existencial diferentes da necessidade de combatê-lo. Diferente do entendimento sobre o sofrer na Grécia Antiga, por exemplo, em que o tema do sofrimento era apresentado como parte da condição de Ser humano, o indivíduo contemporâneo inserido na Era Técnica que surgiu com a modernidade compreende o sofrimento como algo externo a ele.

A Era Técnica, o horizonte histórico da Contemporaneidade nomeado desse modo por Heidegger segundo Dantas, Sá e Carreteiro (2009), é marcada pela valorização do modo calculante, que interpreta a saúde como a capacidade de adequação social e modos de consumo e produção, enquanto a doença está relacionada aos sofrimentos psíquicos. Mesmo

nesse contexto em que tudo parece estar assegurado pelo controle técnica, a angústia emerge e surge como a possibilidade de ampliação do horizonte de sentido. Em relação ao modo de viver do indivíduo contemporâneo e em concordância com os autores citados anteriormente, Braga e Farinha (2017) afirmam que o pensamento calculante direcionado a noção de dominação dos fenômenos, a partir do modo de pensar lógico e racional, desfavorece a possibilidade do indivíduo de significar suas vivências.

Através do que é exposto pelos autores abordados neste trabalho, constata-se que enquanto inautêntico submetido ao *das Man* e, mesmo em tempos de tentativas de controlar a existência e eliminar o sofrimento, o indivíduo se angustia como parte de sua condição como ser humano. A angústia coloca o indivíduo frente a sua existência e proporciona a ampliação de referências de significados, isto é, permite que ele dê novos significados às coisas. A partir do apelo à consciência, da antecipação da morte que é a possibilidade mais própria, irremissível, certa e indeterminada do ser humano que é mortal e na decisão de ser livre enquanto ser em dívida com si mesmo em termos de sua existência, o *Dasein* rompe com a dimensão que quer mantê-lo na impessoalidade e a partir disso permite-se a constituição de novos modos de Ser, na relação consigo mesmo e com o mundo.

Em termos de prática da Psicoterapia, através dos autores utilizados neste trabalho e apresentados nos próximos parágrafos, consta-se que a Clínica Fenomenológica-Existencial como cuidado proporciona ao paciente um encontro com outro *Dasein* que também é ser-para-a-morte e que, através da fala poética e escuta terapêutica, possibilita um ambiente propício para o paciente reconhecer seu modo de Ser abertura às possibilidades. O entendimento da Psicologia Fenomenológica-Existencial que baseia seu desenvolvimento na análise de Heidegger segundo Sodelli e Sodelli-Teodoro (2011), propõe o cuidado como psicoterapia a partir do discurso do paciente que é falante, da escuta terapêutica e pensamento meditativo. A clínica nessa abordagem é conduzida pelo falar autêntico e poético, que através da escuta terapêutica e silêncio do falatório impessoal, permite que o *Dasein* se expresse tanto o que já está revelado, quanto o que está oculto. Esses elementos são possíveis por meios do pensamento meditativo, que se apresenta contrário ao pensamento calculante. A psicoterapia como cuidado ocorre no encontro entre paciente e psicoterapeuta, ambos *Dasein*. O psicólogo que é *Dasein* em sua trajetória existencial finita, enquanto ser-para-a-morte, acompanha o paciente que também é *Dasein* em sua trajetória existencial finita, enquanto ser-para-a-morte.

O cuidado, segundo Reynolds (2012) é uma estrutura do modo de Ser do *Dasein*, sendo que ele é cuidado, ocupando-se de utensílios no mundo e preocupando-se com outras pessoas, tendo em seu modo de Ser a tarefa de cuidar de si. Para Sodelli e Sodelli-Teodoro

(2011), o homem é destinado ao cuidado e em razão disso, a Psicoterapia é exercida para ajudar as pessoas que estão precisando ser cuidadas, para que assim consigam alcançar a liberdade que lhes é própria de sua existência. O cuidado, segundo Santos e Sá (2013), como componente fundamental do modo de Ser do *Dasein* e não habilidade técnica que se adquire, aparece na clínica fenomenológica-existencial como possibilidade terapêutica articulada aos questionamentos em relação ao sentido da existência cotidiana, sobre o que os indivíduos experenciam, seus sofrimentos e possibilidades de mudanças e transformações. No cuidado de anteposição, de acordo com Santos e Sá (2013), a doença é entendida como uma restrição de sentido do indivíduo. Desse modo, o indivíduo que adoece está limitado a um modo específico de existir, o de estar doente. Como já apresentado, os sofrimentos existenciais do ser humano não são estados patológicos, mas é justamente através dessas disposições como a angústia, que Feijoo (2011) afirma que a transformação do paciente em processo terapêutico acontece.

A prática psicoterápica, desse modo, acolhe a angústia do paciente, assim como as reflexões que surgem frente a ela (SANTOS; SÁ, 2013). A Psicoterapia, segundo Sodelli e Sodelli-Teodoro (2011), é caracterizada pelo encontro entre psicoterapeuta e paciente, de *Dasein* para *Dasein*. O psicólogo nessa abordagem deve ter o foco de seu trabalho na pessoa atendida, de modo que ela e sua existência estão precisando ser cuidadas. Em sessão o psicoterapeuta deve proporcionar a escuta terapêutica que compreende o paciente a partir de sua existência singular. Esse tipo de escuta assumida pelo pensamento meditativo proporciona um ambiente no qual a angústia será manifestada e meditada sobre. Considerando que o ser humano é falante e que só se torna concreto o que é apresentado à linguagem, sendo assim, o que não é apresentado não existe (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011), Sapienza (2004 apud SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011) afirma que pela dificuldade de comunicação, algumas coisas importantes para o indivíduo são esquecidas e a psicoterapia possibilita o reencontro com elas através da linguagem poética. Assim, para Sodelli e Sodelli-Teodoro (2001) a fala do paciente traz à luz o que está oculto, sem a necessidade de procurar explicações como na linguagem calculante, mas com a finalidade de tornar compreensível ao indivíduo o sentido de Ser das coisas em sua relação com elas e a descoberta do paciente de que está aberto às suas possibilidades de Ser. A psicoterapia para Magliano e Sá (2015) visa favorecer a liberação do *Dasein* frente às restrições de sentido, buscando possibilitar ao *Dasein* trazer a tona o que está encoberto para si mesmo e preservar o pensamento sobre o sentido. Para Barbosa, Francisco e Efken (2007), a possibilidade de dar novos sentidos à vida

pode ocorrer pelo enfrentamento da condição de ser-para-a-morte, considerando que cuidar da vida é compreender-se como ser-para-a-morte.

A partir das pesquisas realizadas neste trabalho, entende-se que a Era Técnica que caracteriza o horizonte de histórico da contemporaneidade desfavorece o pensamento meditativo, que é apresentado por Sodelli e Sodelli-Teodoro (2011) como o que possibilita a escuta terapêutica e linguagem poética, sendo esses os elementos que favorecem os questionamentos sobre sua própria existência e afastamento do *das Man* com suas determinações que dificultam um *Dasein* autêntico. Considerando a necessidade dessa era de controle, produção e consumo que, segundo Santos e Sá (2013), podem favorecer o surgimento de sofrimentos como tédio, compulsões e estresse, e desfavorecem o meditar sobre o significado da vida, entende-se que isso resulta na falta de questionamentos do *Dasein* sobre o sentido próprio de sua existência.

Para Carvalho (2010), sentido é base do desenvolvimento humano e o dar significado a sua existência possibilita ao indivíduo formas de enfrentar sofrimentos, de modo que pode orientar a si próprio qual direção seguir compreendendo que o sentido não é algo predeterminado, mas algo que apresentamos significado. O vazio existencial como a depressão, para o autor, são as doenças do século XXI e a falta de sentido uma das principais queixas que chegam aos consultórios dos psicólogos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) os quadros psicopatológicos vêm aumentando. Considerando que Teixeira (2006) a psicopatologia parece surgir da falta de sentido, entende-se, assim, que essa emergência atual ocorre em um contexto histórico de desvalorização da interioridade das vivências e falta de prioridade ao seu projeto existencial, que se mostra como o que nos permite dar um significado para sua própria existência.

A partir da produção deste trabalho e considerando a compreensão da Psicologia Fenomenológica-Existencial, que apresenta a psicoterapia como um cuidado terapêutico de *Dasein* para *Dasein* que são seres-para-a-morte e através de um pensamento meditativo que possibilita levantar questionamentos sobre nossa existência no mundo, é possível afirmar que o ser humano é passível de ter consciência de que é abertura no mundo. Consciente de tal abertura, o *Dasein* afasta-se das determinações impessoais que são apresentadas sobre si mesmo e que o faz inautêntico. A autenticidade surge a partir da angústia, que coloca o indivíduo frente a sua existência que é finita e, mesmo se angustiando por Ser mortal, esses questionamentos possibilitam compreender-se como sendo a abertura que é, podendo descobrir novas formas de estar no mundo e, a partir da responsabilidade que tem com sua trajetória existencial e de cuidar de si mesmo, dar um sentido próprio a sua vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de pesquisa bibliográfica para produção deste trabalho que é classificado como exploratório em relação em seus propósitos gerais, fundamentado no entendimento da Psicologia Fenomenológica-Existencial e diante do que foi proposto para este estudo, foi possível identificar que a consciência da finitude humana por meio da questão da morte possibilita a atribuição de significado para a vida, de acordo com a compreensão de Heidegger do ser-para-a-morte e abertura do *Dasein* às possibilidades, de modo que assumir-se como um ser-para-a-morte é encarar a morte como possibilidade do Ser humano e o tomar consciência percebê-la parte da condição de sua existência, possibilitando, ainda, questionamentos sobre essa existência e ao assumir sua singularidade no mundo e responsabilidade por sua trajetória existencial, estar aberto a dar um significado para sua existência.

Considerando que clínica fenomenológica-existencial como cuidado proporciona ao indivíduo entender a liberdade que lhe é própria enquanto *Dasein* que é abertura, isto é, livre para escolher e se responsabilizar por sua vida, sem determinação de quem é ou como deve direcionar sua existência. Por meio do cuidar, o indivíduo autêntico compreende-se a si mesmo e também ao outro, por ser-no-mundo em relação com outros. Dessa forma, a psicoterapia como cuidado é o encontro de um *Dasein* (psicoterapeuta) para com outro *Dasein* (paciente), sendo que o Ser psicólogo nesse sentido é cuidar do paciente para que esse passe a cuidar de si mesmo enquanto ser-no-mundo, em relação com si próprio, outros e coisas, em sua trajetória existencial que tem um fim pela morte, que a partir da percepção de ser-para-a-morte, possa reformular sentidos a partir de si mesmo.

A partir disso, considero que a relação terapêutica que busca se estabelecer na clínica fenomenológica-existencial e daseinanálítica, cuja finalidade é favorecer a liberdade do paciente para que o mesmo passe a cuidar de si mesmo, apresenta-se como um ponto positivo da abordagem por privilegiar a necessidade do indivíduo de se responsabilizar por sua trajetória existencial. Assim sendo, estudos de caso ou campo que utilizassem as propostas terapêuticas expostos neste trabalho e o enfoque nos temas de ser-para-a-morte e o sentido à vida, poderiam contribuir para a prática da Psicologia e ampliar as concepções relacionadas à temática da morte, considerando a necessidade de pensar sobre a emergência de quadros psicopatológicos na contemporaneidade e a relação desses sofrimentos com o vazio existencial.

Este trabalho propôs identificar como percepção de finitude humana por meio da questão da morte possibilita a atribuição de significado para a vida enquanto ser-para-a-morte. Alguns temas relacionados à temática central que agregariam positivamente à pesquisa, não foram apresentadas em razão da delimitação do tema. Entre eles, temas relacionados à Era Técnica e características do indivíduo contemporâneo, como o consumismo, poderiam ser ampliados em futuros estudos a partir de relação enquanto seres-no-mundo com os objetos que consumimos.

Sendo assim, como considerações finais, o pensar sobre a morte no sentido de antecipá-la como possibilidade da existência e entendê-la como impossibilidade de existência, não apenas a partir da indiferença ou medo, possibilita ao indivíduo autêntico compreender sua finitude e responsabilizar-se por sua vida, dando assim um sentido a ela. Este trabalho apresenta-se, dessa forma, como um estudo inicial que considera a possibilidade de continuar a aprofundar os temas que foram apenas brevemente apresentados ou deixaram de ser abordados em razão do que foi proposto por este trabalho em questão.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes; FRANCISCO, Ana Lúcia; EFKEN, Karl Heinz. Adoecimento: o ser-para-a-morte e o sentido da vida. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, 2(1), p. 54-60, 2007. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalapip/7artigo.pdf>. Acesso em: 3 set. 2019.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2019.

CARVALHO, José Mauricio de. **Revista Estudos Filosóficos**. São João del-Rei-MG, n. 5, p. 28-42, 2010. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/estudosfilosoficos/article/view/2301>. Acesso em: 11 jul. 2019.

CERBONE, David R.. **Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 mar. 2019.

DANTAS, Jurema Barros; SA, Roberto Novaes de; CARRETEIRO, Teresa Cristina O. C. A patologização da angústia no mundo contemporâneo. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 1-9, ago. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 set. 2019.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 30-36, jun. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2019.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Metà-hodós: da fenomenologia hermenêutica à psicologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 24, n. 3, p. 329-339, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 maio 2019.

FRANCO DE SA, Alexandre. Entre a angústia e a dor: um diálogo entre Martin Heidegger e Ernst Jünger. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 144-156, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302016000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 ago. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

GOMES, Daniele Moreira; SOUSA, Airle Miranda. A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 9, n. 3, p. 164-176, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 out. 2019.

GOMES, William Barbosa; CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. **Psic.: Teor. e Pesq., Brasília**, v. 26, n. spe, p. 81-93, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500007&lng=en&nrm=iso. Acesso: 14 set. 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1927/2015.

HOLANDA, Adriano Furtado de. Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 33-46, Aug. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X1997000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 jun. 2019.

KIRCHNER, Renato. A analítica existencial heideggeriana: um modo original de compreender o ser humano. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 8, n. 2, p. 112-128, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000200009. Acesso em: 09 ago. 2019.

MELO, Anna Karynne da Silva; RIBEIRO, Juliana; MOREIRA, Virginia. A noção de sofrimento: possível contribuição da lente fenomenológica dos múltiplos contornos. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 48-57, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1692>. Acesso em: 23 jul. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Depression and Other Common Mental Disorders**: global health estimates. Genebra, 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf;jsessionid=3C20E4A10D423370C58D8F784639FA25?sequence=1>. Acesso em: 04 set. 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa:** Depressão. Washington, 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095. Acesso: 04 set. 2019.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ROEHE, Marcelo Vial. Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 11, n. 2, p. 153-158, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 Set. 2019.

ROEHE, Marcelo Vial. A Psicologia Heideggeriana. **Psico**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, pp. 14-21, 2012. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:HZZp1DxhWt4J:scholar.google.com/+A+Psicologia+Heideggeriana&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 09 set. 2019.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Av. Psicol. Latinoam.**, Bogotá, v. 32, n. 1, p. 105-113, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 mar. 2019.

SÁ, Roberto Novaes de; BARRETO, Carmem Lúcia Brito Tavares. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 389-394, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 set. 2019.

SANTOS, Danielle de Gois; SA, Roberto Novaes de. A existência como "cuidado": elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 53-59, jul. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 jul. 2019.

SCHMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica**. Tradução: Fabio Ribeiro. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013

SODELLI, Marcelo; SODELLI-TEODORO, Alessandra. Visitando os "Seminários de Zollikon": novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. **Psic. Rev.** São Paulo, vol. 20, n.2, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/10343/7722> Acesso em: 15 set. 2019.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. Contemporaneidade e "mal-estar". In: TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. **A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Disponível em: <http://books.scielo.org/id/j42t3/pdf/tavares-9788579831003-02.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2019

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Problemas psicopatológicos contemporâneos: Uma perspectiva existencial. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 405-413, 2006. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 jul. 2019.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação, Marília**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732003000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 mar. 2019.